

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
ECO – Escola de Comunicação

Pedras da Infância

Cinthia Nascimento da Costa

Orientador:
Professor Sócrates Nolasco
Doutor em Psicologia Clínica

Rio de Janeiro
2004

Pedras da Infância

Cinthia Nascimento da Costa

Monografia apresentada para obtenção
do grau de Bacharelado em
Comunicação Social – Habilitação
Publicidade e Propaganda

Orientador:
Professor Sócrates Nolasco
Doutor em Psicologia Clínica

Rio de Janeiro
2004

COSTA, Cinthia Nascimento da. **Pedras da Infância**. Orientador: Sócrates Nolasco. Rio de Janeiro: UFRJ / ECO, 2004. 76p.

Resumo

O conflito palestino-israelense perdura até o momento. A criança cada vez mais presente, defendendo a causa palestina, lutando contra a política de ocupação de Israel. O período retratado é a Nova Intifada que teve início em 28 de setembro de 2000 e dura até o momento. O estudo é sobre qual é o papel da criança, tomando como base dois veículos de mídia impressa - Jornal do Brasil e O Globo – e cinco filmes relacionados ao período do conflito. É claro e evidente a presença maciça de jovens que munidas de paus e pedras enfrentam os tanques israelenses. É o desaparecimento da infância, criança como combatente. Qual o papel da criança neste conflito e como as representações de mídia a retratam são os objetivos gerais do trabalho.

COSTA, Cinthia Nascimento da. **Pedras da Infância**. Orientador: Sócrates Nolasco. Rio de Janeiro: UFRJ / ECO, 2004. 76p.

Abstract

The conflict Palestine-Israeli lasts until the actual moment. The child, more present in the conflict, defend the Palestine cause, fight against the Israel occupation politics. The period retracted is the New Intifada that begun in September 28th, 2000 to now. The study is about the child's character, based on two ways of print media – Jornal do Brasil and O Globo – and five films related to the period of the conflict. It is clear and obvious the massive present of the young carrying stones and woods, confronting the Israeli's tanks. It is an evidence of the childhood disappearance, child like combatants. What is the character of the child in this conflict and also how the media representatives show the child are the general objectives of this work.

SUMÁRIO

| | | |
|-----|------------------------------|----|
| 1 | Introdução | 6 |
| 2 | A Questão Israel e Palestina | 11 |
| 2.1 | Histórico | 12 |
| 2.2 | A Criança e a Guerra | 19 |
| 2.3 | A Intifada | 24 |
| 3 | Representação na mídia | 30 |
| 3.1 | Filmes | 31 |
| 3.2 | Jornais | 39 |
| 4 | A Traição da Infância | 50 |
| 4.1 | Criança = Adulto | 51 |
| 4.2 | O Terrorismo | 54 |
| 5 | Considerações Finais | 57 |
| | Referências | 63 |
| | Anexos | |
| | O Estado de Israel | 68 |
| | Depoimentos Infantis | 70 |
| | The Mirror does not lie | 72 |
| | Hamas | 75 |
| | O Julgamento de Salomão | 76 |

1. Introdução

“A propaganda, na verdade, não reflete simplesmente o mundo real como nós o vivenciamos: o mundo da publicidade funciona ao nível do devaneio, o que implica uma insatisfação com o mundo real expressa por meio de representações imaginárias do futuro tal como ele poderia ser: uma utopia” – (DEPOIMENTO, 2004).

A palavra “propaganda” já é usada diversas vezes, e é questionável como esse termo está sendo usado. A definição de propaganda é extremamente debatida e, ainda, não há um consenso sobre o seu significado. Alguns estudiosos argumentam que todas as comunicações persuasivas são propaganda, enquanto outros sugerem que apenas mensagens desonestas podem ser consideradas propaganda. Ativistas políticos afirmam que eles falam a verdade enquanto seus oponentes pregam propaganda. Segundo o propagandista Harold Lasswell (PROPAGANDA, 2004):

“Não são bombas ou pão, mas sim palavras, símbolos, músicas, desfiles, e muitos dispositivos similares que são os típicos significados de fazer propaganda. Propaganda conta com símbolos para atingir seu propósito: a manipulação das atitudes coletivas”.

A consciência ideológica e as respectivas subideologias são muito comuns na propaganda, ainda que raramente se manifestem ao nível evidente da persuasão, isto é, com um complexo de significação referido por determinado texto ou discurso para conferir à idéia defendida um valor simbólico ou “imagem”.

Por trás do debate enérgico a respeito do Oriente Médio, surgem mecanismos alienadores e antidemocráticos (a teoria do grande demônio ou Estado rebelde e terrorismo) para criar distorções.

A sedução da própria palavra paz está no fato de ela ser cercada e embebida de louvores de aprovação, louvores sem controvérsia, endosso sentimental. A mídia amplia e ornamenta sem crítica e transmite sem questionamento tudo isso para vastas audiências, para quem guerra e paz são espetáculos para o deleite e consumo imediato.

É preciso muito mais conhecimento para dissolver as palavras “guerra” e “paz” em seus elementos, recuperando aquilo que é deixado fora dos processos de paz determinados pelos poderosos e, dessa forma, recolocar a realidade excluída no centro das coisas.

Segundo as palavras palestinas do escritor Edward Said (2003, p.158) em seu livro “Cultura e Política”:

“Para o nosso próprio bem, devemos elevar-nos acima do fracasso do sionismo e continuar a articular nossa mensagem de paz com justiça. Mesmo que o caminho pareça difícil, ele não deve ser abandonado. Se qualquer um de nós for eliminado, dez outros devem tomar seu lugar. Essa é a marca genuína de nossa luta, e nem a censura nem a simples cumplicidade covarde podem impedir seu êxito”.

Essas palavras demonstram bem o sentido de luta por uma causa de um povo. Dever que passa por gerações. Uma criança hoje luta pelas conquistas para seus filhos e netos. É uma luta sem fim onde não há idade, nem tamanho, apenas pedras como armas e o martírio como vitória. Palavras-chaves de resistência e de luta são bem evidentes, característico nos discursos de líderes e escritores palestinos.

O **objetivo geral** desse projeto é retratar e analisar o lugar que a criança palestina ocupa no conflito palestino-israelense, durante a Nova Intifada (2000-hoje), tomando por base tanto às filmografias quanto às publicações de matérias, sobre o início do conflito, em 2000, publicados no Jornal do Brasil e Jornal O Globo.

O **problema** é como a imagem de uma criança palestina retratada nas representações de mídia estudadas pode ter interpretações diferentes? A criança é considerada um personagem heróico de um lado, e uma máquina de propaganda de outro.

“As armas que os fracos e os sem-Estados não podem nunca abandonar são seus princípios e seu povo. Estabelecer e defender a superioridade moral continuar dizendo a verdade e lembrando ao mundo a imagem histórica completa, agarrar-se ao legítimo direito de resistência e restituição, mobilizar o povo em toda a parte, não depender nem da mídia, nem dos

israelenses, mas de si mesmo para dizer a verdade”. – Edward Said (HISTORIA, 2004).

No discurso do escritor é de destaque a causa como uma questão religiosa e a resistência como forma de defesa do povo contra a ocupação de Israel. Em contrapartida, Israel tem tentado provar ao mundo que é uma vítima da violência e do terror palestino e que os árabes e muçulmanos não têm nenhuma razão para estarem em conflito com os israelenses a não ser por um irredutível ódio irracional pelos judeus.

Nunca a mídia teve tanta influência para determinar o curso de uma guerra do que durante a Intifada de Al-Aqsa ou Nova Intifada, a qual, no que diz respeito à mídia ocidental, torna-se essencialmente uma batalha por imagens e idéias.

Os **objetivos específicos** do trabalho são: realizar uma revisão de literatura da história do conflito Palestina e Israel e a partir daí, coletar dados em livros e rede para um melhor aprofundamento das idéias levantadas pelos dois lados. Em paralelo, realizar uma revisão filmográfica de películas relacionadas com o tema e com a época da Nova Intifada. O papel da criança é sempre considerado como base em todo estudo, como “personagem” principal desse filme real, tão distante aos olhos ocidentais. Posteriormente, uma análise crítica de como a criança é retratada nos filmes e nas mídias impressas consideradas (Jornal do Brasil e Jornal O Globo). A partir desse material, realizar uma síntese qual é o papel da criança nesse conflito e como ela é vista pelos dois lados e pela mídia impressa e os filmes relacionados.

O conflito entre israelenses e palestinos não é a apenas uma questão internacional que interessa ao mundo resolver. Ele também evoca princípios de cidadania e auto determinação de dois povos condenados a viverem juntos. Na defesa desses direitos naturais, irrenunciáveis, as duas partes defrontam-se há mais de cinquenta anos.

A **justificativa** que ronda este trabalho é um interesse profundo pelo o que rege um conflito entre dois povos do mesmo ramo semita que alimenta seu ódio mútuo a cada geração. Até mesmo a inocência da infância não está livre dos pensamentos hostis.

O período da Nova Intifada é escolhido por se tratar de uma época atual quando a mídia tem um papel fundamental na transmissão de imagens e idéias, quando a criança é bastante destacada.

A **metodologia** empregada abrange um estudo exploratório dos elementos que circulam o conflito desde a criação do Estado de Israel em 1948. Elementos estes, políticos e ideológicos. Depois a escolha do período a ser focado. A análise foi feita no ano de 2000 até o momento, com destaque ao conflito da Nova Intifada. Todo estudo toma por base duas representações de mídia impressa: Jornal do Brasil e O Globo; e cinco filmes que envolvem o tema: “Mil e Um Dias”, “Rota 181”, “Promessas de um Novo Mundo”, “Kedma” e “Filhos do Ódio”. Para, posteriormente, definir a questão a ser estudada, no caso, o papel da criança no conflito visto pelas mídias destacadas.

Como **descrição do trabalho**, há três capítulos de desenvolvimento. O primeiro foca-se em questões históricas e como surgiu o conflito que perdura até o momento; o segundo, faz uma análise comparativa das representações do papel da criança na mídia impressa e nas filmografias; o terceiro, leva-se a um questionamento a respeito da infância perdida durante este conflito e o fato de muitos combatentes-crianças tornarem-se homens terroristas, com o objetivo de virarem mártires, dentro dos dogmas muçulmanos.

É bastante significativo como uma imagem está atrelada a um povo. A imagem que se tem dos palestinos parece ser a de indivíduos intransigentes, agressivos e “estranhos”. A atitude de jovens que jogam pedras nas ruas contra tanques e soldados – os quais acredita-se serem Davi lutando contra Golias -, passa, para muitas representações de imagem, uma idéia de agressão em vez de heroísmo. Os ataques suicidas de homens ou crianças são vistos como “desumanos” e condenados universalmente. Uma técnica de demonização do inimigo, muito presente nas representações do conflito.

Toda guerra deve aparecer para ser uma guerra de defesa contra um ameaçador, assassino agressor. Não pode ter ambiguidade a respeito de quem a população tem que odiar.

Os palestinos são muitas vezes retratados como carentes agressores brutais. Eles são os inimigos e mantenedores dessa guerra ilimitável. O caráter analítico dos formadores de opinião tem mudado um pouco esse quadro pelas representações palestinas e sua luta sendo reconhecida como forma de resistência e sobrevivência. Em paralelo, o discurso de demonização do povo árabe é bem aceitável na mídia ocidental, principalmente após atos de terror terem saído do foco Oriente Médio e passado para o lado do Ocidente.

2 A Questão Israel e Palestina

CARTA ÀS CRIANÇAS DA MARGEM ORIENTAL (Fadwa Toqan)

Queridas crianças
 Do outro lado do rio
 Queridas crianças
 Tenho para vocês
 Muitas histórias
 Diferentes de Simbad o Marujo
 Diferentes de O Gênio é o Pescador
 De Qamar Azzamane e a Princesa
 Tenho para vocês
 Novas histórias
 Mas temo que ao contar-lhes as peripécias
 Afogue a luz do universo de vocês
 Turve a paz e a serenidade
 Da ilha da inocência
 Temos pelo pequeno mundo de vocês
 Histórias de encarcerados e carcereiros
 Histórias de nazistas e nazismo
 Em nossa pátria
 São tristes
 E fazem as crianças envelhecerem
 De terror

Não perguntem quando e como chegará ao fim
 A história da dispersão e da privação
 Porque hoje não entenderiam a resposta
 E quando crescerem
 Minhas queridas crianças
 A experiência ensinará vocês
 Nessa dia, carregarão o fardo como nós,
 E cumprirão sua parte.

Na epopéia da luta
 É longa nossa história
 Longa
 A epopéia da luta
 Nesse dia
 Ó tesouro descoberto
 Vocês saberão quando e como voltaremos a ver os exilados
 E como acabará
 A história da dispersão
 E da privação

2.1 Histórico

Parte-se da premissa sobre a importância de se estudar e interpretar corretamente o passado, a fim de melhor compreender o presente que nos revela as opções do futuro desejável, a ser construído.

Sempre que alguém se refere à história do Oriente Médio costuma lembrar que nessa região, durante a Antiguidade surgem e desenvolvem algumas das mais importantes e fascinantes civilizações que a humanidade conhece. É o caso, entre outras, da Assíria, Fenícia, da Babilônia. Povos diversos que ajudam a formar aí uma cultura de características únicas. E é nessa região que nascem as três grandes religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo.

Mas não é principalmente por regiões culturais ou religiosas que o Oriente Médio passa a ser em nosso século uma das partes mais conturbadas do planeta. A luta por uma pequena parcela de terra, a Palestina, torna-se motivo de preocupação para todos os que desejam um mundo livre de guerras.

Sem dúvida, antes de qualquer coisa, são de ordem política as questões que nos últimos tempos têm oposto judeus e árabes-palestinos e não palestinos. Parece inevitável que povos da mesma origem do ramo semita tenham chegado a um grau tão profundo de incompreensão e ódio mútuo. A grande emotividade que cerca o problema da Palestina nem sempre permite que se encare o assunto com objetividade necessária. É na história que devem ser buscadas as explicações ou pelo menos os elementos que ajudem a explicar o complexo e movediço quadro que hoje se apresenta na região do Oriente Médio.

De acordo com a Bíblia, Abraão recebe uma revelação de Deus abandona o politeísmo e muda-se para Canaã atual Palestina em torno de 1800 a.c.

Abrão é hoje venerado por mais da metade da humanidade – duzentos milhões de cristãos, treze milhões de muçulmanos e cerca de quinze milhões de judeus – como patriarca e pai espiritual de sua fé.

O Departamento de Estudos Judaicos, Cristãos e Islâmicos da UCLA (Universidade da Califórnia), trabalha no sentido de promover a comunicação e ligação entre os povos das três religiões. Abraão que representa uma herança espiritual comum pode ser uma força poderosa para unir judeus, cristãos e muçulmanos.

Por volta de 1000 ^ac, o rei Davi transforma Jerusalém em centro religioso e seu filho, Salomão, constrói um templo em seu reinado. Depois de Salomão as tribos dividem-se em dois Reinos o de Israel na Samaria e do e de Judá com capital em Jerusalém. Em 558 ^ac o imperador babilônico Nabucodonosor II invade o Reino de Judá destrói o Templo de Jerusalém e deporta a maioria dos habitantes para a Babilônia iniciando a Diáspora Judaica.

A partir de 539 ^ac, a Palestina é conquistada pelo Império Persa, rival dos babilônios. Jerusalém é reconstruída e a parte exilada retorna. E em 332 ^ac a região integra o mundo grego. Desde essa época, destaca-se uma crescente mistura de populações migrantes de várias origens, que se mesclavam aos habitantes locais.

Em 63 ^ac a Palestina passa a fazer parte do Império Romano. Nesse período a região é um imenso aglomerado de pequenos reinados. Nos fins do primeiro século de nossa era, os judeus se revoltam contra os romanos o que leva à destruição de Jerusalém, o que ocasiona uma nova e prolongada Diáspora da população hebraica local, em especial rumo ao Mediterrâneo. Na Palestina permanecem umas poucas comunidades judaicas.

Em 1897 é fundada a Organização Sionista Mundial – que prega o movimento sionista – o movimento organizado de retorno em massa dos judeus à terra prometida, a Palestina, de onde haviam sido expulsos a milhares de anos. Um dos fundadores e

principal idealizador é Theodor Herzl que dizia necessário a construção de um Estado exclusivo para os judeus.

As características predominantemente árabes e islâmicas que a Palestina assume em nosso tempo nascem da conquista muçulmana na primeira metade do século VII quando as populações locais são islamizadas e quando o Império Turco-Otomano incorpora a região. Toda a Palestina já se encontra sob o domínio dos muçulmanos que controlam, inclusive, os lugares sagrados, Meca e Medina em Hijaz (Península Arábica) e Jerusalém e Hebron (Palestina). Com o fim do Império Otomano, no final da Primeira Guerra Mundial, a Inglaterra obtém da Liga das Nações um mandato para administrar a Palestina.

Em seu livro “Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente” o escritor palestino Edward Said (1989, p.35), descreve a atitude do sionismo em relação ao território que pretendia ocupar:

“A Palestina era vista – por escritores como Lamartine (poeta e político francês do século XIX) e pelos primeiros sionistas como um deserto vazio esperando para florescer; os habitantes que porventura tivessem eram supostamente nômades inconseqüentes que não tinham nenhum direito real sobre a terra e, portanto, nenhuma realidade cultural ou nacional”.

O direito de retorno é reconhecido pela Declaração de Balfour e reafirmado, em 1922, pelo Mandato da Liga das Nações que confere o reconhecimento internacional de forma a aprofundar a relação do povo judeu com a terra de Israel e a seu direito de nela reconstruir o seu Lar Nacional.

Novamente, Edward Said (1980, p. 82), em seu livro intitulado “The Question of Palestine” definiu a importância dessa declaração da seguinte maneira:

“O que é importante da declaração é que, em primeiro lugar, durante muito tempo ela foi a base legal para as reivindicações sionistas em relação à Palestina e, em segundo lugar, foi uma declaração cuja força só pode ser avaliada quando as realidades demográficas e humanas da Palestina ficaram claras na mente. Isto é, a declaração foi feita (a) por um poder

européu, (b) a respeito de um território não-europeu, (c) num claro desrespeito à presença e aos desejos da população nativa residente no território e (d) tomou a forma de uma promessa sobre este mesmo território por um outro grupo estrangeiro, a fim de que esse grupo estrangeiro pudesse, literalmente, fazer desse território uma nação para o povo judeu”.

Nas décadas que se seguiram, dezenas de milhares de judeus fixaram-se na Palestina, em sua maioria oriundos da Europa, movidos pelo ideal do sionismo. O estímulo sionista à imigração judaica, as vacilações britânicas para contê-las e as perseguições nazistas fazem aumentar o número de judeus na Palestina, criando áreas de tensão com a população árabe local.

Daí por diante acentuam-se os protestos árabes palestinos e não palestinos. Em 1929 a Organização Sionista Mundial cria a Agência Judaica que angariava fundos para comprar terras. Com isso, o relativo equilíbrio regional começa a desintegrar.

Ao Final da Segunda Guerra, o nazismo e as perseguições aos judeus na Europa fazem aumentar consideravelmente a imigração rumo à Terra Prometida.

A Inglaterra tinha consciência de que a criação desse Estado na Palestina encontraria forte objeção por parte dos árabes. Os EUA, que emergem da guerra como uma nova potência e sob a pressão do sionismo, usam de sua influência em favor da causa sionista, que se resume na criação de um Estado judaico e na imigração de um contingente maior de judeus.

Incapaz de conseguir uma solução entre árabes e judeus, a Grã-Bretanha transfere para a ONU que nomeia uma Comissão Especial para a Palestina (UNSCOP) para planejar uma solução. Em 1947, a Grã Bretanha anuncia que renunciaria ao mandato que detém sobre a Palestina, se retiraria da área e entregaria às Nações Unidas.

Em 29 de Novembro de 1947, é elaborada a resolução 181 na Assembléia Geral da ONU que prevê a criação de dois Estados, um palestino e outro judeu, estipula fronteira, cria regras para o período de transição e pretende que surja ali uma comunidade econômica entre os dois novos países.

As Nações Unidas aprova o plano de partilha da Palestina. Assim que o plano é anunciado, os choques armados entre palestinos e judeus intensificam-se. Os árabes consideram ser aquela a sua pátria de há séculos e não admitem dividir seu território com os judeus.

Segue a carta dos representantes árabes para as Nações Unidas após a aprovação da divisão do Estado em dois (ARABIC, 2004):

“Nós sinceramente, cremos firmemente que a consciência do mundo não tolerará as terríveis conseqüências que inevitavelmente se seguirão, se nada se fizer para remediar a injustiça sem igual que foi feita aos árabes. É digno de atenção que aqueles que não apoiaram esta fantástica resolução incluem todas as nações no Oriente que estão diretamente ligadas a este assunto e cujo número sobe a mais de um milhões de pessoas. Nós confiamos que através da firmeza do povo árabe o nosso direito prevalecerá”.

Em 14 de maio de 1948 o mandato inglês termina, a Agência Judaica proclama a Fundação do Estado de Israel.

Os países levantam-se em armas. Começa a guerra de 1948-1949 que os judeus chamam de “Guerra de Independência”. O novo Estado de Israel enfrenta os exércitos do Egito, da Síria, da Transjordânia, do Líbano, do Iraque e dos próprios palestinos. Israel tem uma estrutura militar necessária para se impor pelas armas por ter recursos do Ocidente.

O fim da guerra chega com o cessar fogo imposto pela ONU. Em 1949, os países árabes firmam um armistício com Israel, imposto pelas Nações Unidas. No entanto, desobedecendo às determinações do organismo internacional, os israelenses não abandonam os territórios ocupados, e o plano original de partilha não é concretizado. E, além disso, Israel consegue aumentar um terço do seu território.

Os conflitos tornam-se endêmicos e a guerra eclode mais de uma vez, em 1956, 1967 e 1973 sendo a mais importante a Guerra dos Seis Dias, em 1967 quando Israel

incorpora a península do Sinai e a Faixa de Gaza, a Cisjordânia, o território sírio das Colinas de Golã e Jerusalém Oriental e ainda, intensifica sua política de construção de assentamentos para colonos judeus imigrantes.

A guerra de 1967 é ponto decisivo. A conquista de Jerusalém e o fato de que os lugares sagrados para muçulmanos e cristãos estão agora sob o controle israelense traz uma outra dimensão para a crise. A guerra muda o equilíbrio de forças no Oriente Médio. Está claro que Israel é mais forte militarmente do que qualquer aliança entre Estados árabes e isso muda a relação de cada um deles com o mundo exterior. Para os árabes, é uma derrota e para os palestinos, representa uma nova leva de refugiados.

Nos anos seguintes o mundo ignoraria a situação dos palestinos até que em 1974 Yasser Arafat foi pela primeira vez a ONU formalizando assim, a representação política do povo palestino.

Arafat fala diante da Assembléia Geral das Nações Unidas, reitera em seu discurso o objetivo primordial da OLP (Organização de Libertação da Palestina) de construir na Palestina um Estado laico e democrático que permita a convivência de cristãos, judeus e muçulmanos. Suas palavras (PALESTINA1, 2004):

“Hoje eu trago um ramo de oliveira e a arma de quem luta pela paz. Não permitam que o ramo de oliveira caia das minhas mãos. Repito: não permitam que o ramo de oliveira caia de minhas mãos. Aqueles que nos apelidam de terroristas fazem-no para mistificar a opinião mundial e impedi-la de ver a realidade, de ver a nossa verdadeira face, que é a autodefesa e da justiça. Esforçam-se por dissimular a sua verdadeira face, que é a do terror e da tirania e negar a situação de legítima defesa em que nos encontramos colocados”.

A massa de refugiados, estimados atualmente em quatro milhões espalhados nos campos do Líbano, da Jordânia e da Faixa de Gaza, constitui o problema mais espinhoso nas negociações sobre o futuro da relação entre Israel e o Estado da Palestina a ser criado.

Os judeus são um povo com uma história trágica de perseguição e genocídio. Ligados por sua antiga fé à terra da Palestina, seu “retorno” a uma terra natal, prometida a eles pelo imperialismo britânico, foi interpretado por grande parte do mundo como uma compensação heróica e justa pelo que haviam sofrido. Ainda assim, por anos e anos, poucos prestam atenção à conquista da Palestina pelas forças judaicas, ou ao povo árabe de lá que sofreu o exorbitante custo da destruição de sua sociedade, a expulsão da maioria e o hediondo sistema de leis – uma apartheid virtual – que ainda os discrimina dentro de Israel e nos territórios ocupados. Os palestinos são vítimas silenciosas de uma gritante injustiça como os judeus já foram um dia.

Inquestionavelmente, o dilema moral enfrentado por qualquer um que tente compreender o conflito palestino-israelense é profundo. Os judeus israelenses são corretamente vistos como vítimas de uma longa história de perseguições ocidentais, em grande parte, cristãs e anti-semitas, que culminaram nos quase incompreensíveis horrores do Holocausto nazista. Para os palestinos, contudo, seu papel é o de vítima das vítimas.

Os refugiados palestinos passam a viver marginalizados nos países vizinhos, mas nunca abandonam a preocupação de manter sua identidade cultural. Como parte de um projeto coletivo de sobrevivência de um povo preocupado em manter seus costumes milenares, sua pátria religiosa e sua tradição artística.

2.2 A Criança e a Guerra

As crianças e a paz caminham em conjunto. Elas são, muitas vezes, as esquecidas das guerras.

O conflito árabe-israelense oprime a sociedade sem quaisquer exceções. Só as mães sabem que a morte de uma criança seja qual for a criança, seja ela sérvia ou albanesa, iraquiana ou afegã, judia ou palestina, representa a morte de todo o mundo, do seu passado e do seu futuro.

Conforme o depoimento de Nurit Peled-Elhanan, uma mãe que perdeu a filha de oito anos, contata-se uma posição universal que é mantida por uma mãe diante da morte de uma criança em uma guerra. Seu sofrimento e angústia e ao mesmo tempo, esperança de salvar as crianças ainda vivas.

Há uma crítica evidente aos homens homicidas suicidas que seguem os preceitos islâmicos em relação à morte como martírio e maneira de resistência. A palavra “mal” sendo utilizada para a denominação do povo palestino possui uma significação forte dentro do conflito dos discursos da Nova Intifada. Discursos estes, recheados de símbolos propagandistas. Além disso, racionaliza a palavra “Deus” como forma de convencimento e pretextos políticos (DEPOIMENTO, 2004):

“Israel está a tornar-se num verdadeiro cemitério de crianças, que aumenta de dia para dia, como um reino subterrâneo que se vai alastrando debaixo dos nossos passos, devastando tudo à sua volta. É o reino onde jaz a minha filha, ao lado do seu assassino palestino, cujo sangue, juntamente com o seu, se entranha nas pedras de Jerusalém que há muito se tornaram indiferentes ao sangue derramado. Jazem lá, junto com inúmeras outras crianças, e todos eles vêem as suas esperanças desmoronarem. O assassino da minha filha vê a sua esperança desmoronar-se, pois cometeu um ato homicida e suicida em vão. Não pôs fim à cruel ocupação israelita, não lhe deu o paraíso e os que lhe prometeram que o seu gesto teria sentido e valor, continuam como se jamais ele tivesse existido. A minha filha vê a sua esperança desmoronar-se porque acreditou, como os milhares dos seus novos irmãos e irmãs, que a sua vida era vivida em segurança, que os seus pais a protegiam do mal e que nada pode acontecer às graciosas

crianças que atravessam as ruas da sua cidade para ir a uma aula de dança. E todas as crianças que habitam nesse reino, vêm a sua esperança desmoronar-se, porque o mundo inteiro segue sem rumo, como se o seu sangue jamais tivesse sido derramado.

A nossa guerra não é a do povo israelita contra o povo palestino, mas a dos que destroem a vida e que se dizem chefes de Estado, contra o povo, tanto de um lado como de outro.

Estas políticas ardilosas usam a palavra de Deus, o bem da nação, a liberdade e a democracia, e mesmo o nosso luto, como instrumentos políticos, e os nossos filhos como peças nos seus jogos de azar: mataram dez dos meus, matarei trezentos dos vossos, e estamos pagos até a próxima.

Tudo isso não é novo na história do homem. Os chefes sempre utilizaram o nome de Deus e outros valores sagrados, tais como a honra e a coragem, como desculpa para a sua ambição megalômana. E a única voz que, através da história, se elevou para os denunciar e para se opor foi sempre a voz das mães, a voz das parteiras do povo hebreu, que desobedeceram às ordens do Faraó de matar todas as crianças à nascença, a voz de Raquel, nossa mãe bíblica, chorando inconsolável os seus filhos, a voz das mulheres de Tróia, das mães da Argentina, das mães da Irlanda, de Israel e da Palestina. É a voz de quem dá a vida e se empenha em preservá-la. É a única voz que fica depois da violência e que compreende, verdadeiramente, o sentido do fim de tudo.

Escutai os gritos das crianças sem vida e ajudai a mães a salvar as crianças com vida”.

No conflito árabe-israelense não há distinção quem é criança e quem é adulto, Ninguém é poupado do martírio. Contudo, em particular, às crianças palestinas falta jogos e brinquedos que as outras crianças tomam por certo. Elas têm vivido em circunstâncias desagradáveis e todas elas são iguais, em sua realização consciente ou subconsciente, que suas privações são causadas por um “inimigo” comum.

Mais do que cinquenta por cento da população palestina estão na idade abaixo de quinze anos, para os quais a palavra “criança” é usada, mas apenas uma minoria vive uma infância normal. Crianças ainda estão no processo de desenvolvimento mental e físico e formação psicológica, como vivem a intensa realidade do conflito, passam a ser o grupo mais vulnerável para traumas e suas complicações associadas.

Estudos recentes concluíram que cinquenta por cento das crianças palestinas estão sofrendo de subnutrição, setenta por cento delas são anêmicas. Contudo, quando complicações psicológicas dessas crianças são estudadas, os resultados são mais assustadores. Ao invés de livrarem-se das emoções indesejáveis e se distanciarem de um completo conhecimento do medo causado pela ocupação, muitas crianças caem em uma regressão e são levados para clínicas com sintomas como dificuldade para dormir, falta de controle ao urinar e até mesmo voltam a chupar dedo. Especialmente entre crianças que tiveram, pela primeira vez, experiência com bombardeios e assassinatos. Outras crianças tornam-se obsessivos por armas de brinquedo e têm uma tendência a jogos de treinamento ou lutas agressivas como forma de compensar o seu silêncio e o profundo sentimento de incapacidade ou defesa à contínua ocupação.

Recentemente, o prefeito de Jerusalém, Ehud Olmert, falou em uma conferência sobre educação (HISTORIA, 2004): *"Não terá paz com os palestinos até que estes ensinem para suas crianças amar uns aos outros mais do que odiar os israelenses"*. Acrescenta-se a idéia de um soldado israelense, falando sobre seus maiores inimigos nos campos de batalha, as crianças (HISTORIA, 2004): *"Não podemos controlar uma nação se suas crianças não têm medo de você"*.

Toda criança possui medos. A criança palestina não é exceção. Com tudo, as questões religiosas e políticas que envolvem seu povo atingem sua mente de uma tal maneira, como tantas significações e promessas, que o medo passa a ser uma segunda questão. É como se estivessem em um jogo de vídeo game onde só ganha quem chegar na última fase, a conquista. E várias vidas são utilizadas para chegar até lá, a imortalidade.

Na atual Intifada, Faris Odeh, de treze anos, ficou conhecido através do mundo quando ele enfrentou um tanque israelita em Gaza. *"Estou orgulhosa dele"* disse a mãe. *"Tento dizer-lhe que é cedo demais para ele para se envolver em atirar pedras. Ele não escuta. Eu não posso mantê-lo junto de mim todo o tempo"* (HISTORIA, 2001).

Quando é que vão parar de atirar pedras? Rami al-Khala de 10 anos responde: *"Quando não houver mais Israel. Quando toda a Palestina for livre. Então pararei de atirar pedras"*, (HISTORIA, 2001).

No relato do médico palestino Samah Jaber (ARTIGO, 2004), percebe-se esse caráter de coragem e enfretamento por parte das crianças palestinas e um discurso de “venda” dessa magnitude da luta:

“Eu fui uma criança durante a Primeira Intifada (1987-1994). Lembro-me o quão romântico era pra mim, a idéia de sair correndo e atirando pedras. Quando eu via meus amigos juntos, tinha vontade de me unir a eles. Crianças em todo lugar pensam que são imortais. As crianças palestinas pensavam assim também naquele tempo. Ninguém acreditava que alguma coisa pudesse acontecer conosco. Mas nossos pais sabem. Meus pais fizeram de tudo para me manter dentro de casa. Eles me mantinham ocupado com estudos, então não podia ir lá fora e jogar pedras.

Eu sou palestino e acreditamos em tudo. Acreditamos em nosso direito de viver em nossa terra. Queremos viver e deixar viver, mas não ficaremos de braços cruzados e nem na linha de fogo para sermos mortos. Já esperamos muito.

Eu não quero chorar sobre o corpo de mais um jovem palestino. Mas, se eu tiver que fazer isso. Sei que estas crianças se unirão ao solo da Palestina, produzindo hidrocarbonos e nutrindo nosso solo vermelho. Nossos limoeiros crescerão, nossas oliveiras se curvarão como as mães sobre a nossa morte e o nosso vínculo com a nossa terra natal viverá para sempre“.

Em Janeiro de 2002, Yasser Arafat fez um discurso em relação à posição exercida pela criança no conflito, o “Shahid” – um mártir morto por uma causa - (PALESTINA1, 2004):

“Esta criança, que sustenta uma pedra perante um tanque, não é a maior mensagem ao mundo quando esse herói se torna um Shahid? Estamos orgulhosos deles. Espero ser um mártir na terra santa. Eu escolhi esse caminho. Se eu cair, mesmo assim um dia uma criança palestina vai hastear nossa bandeira sobre nossas mesquitas e igrejas”.

O discurso está embebido de simbologias propagandistas, incitando e persuadindo o público para uma luta desde sua fase infantil, justificável pelo caráter religioso de se tornar um mártir. Esse título de “mártir” é bastante evidente nas casas das famílias que perderam suas crianças, mas ganharam “salvadores”. A busca pela auto

determinação através do combate à liberdade, dando-lhe a vida, é uma forma de resistência, ao mesmo tempo, de desespero.

“Não queremos ver nossas crianças sofrendo, preferíamos canalizar toda a raiva, o medo e o ódio para algo mais construtivo, em lugar de alguma coisa destrutiva. Mas, insistimos no direito de nossos filhos viverem com dignidade, em um país livre. Quem pode nos negar este direito?”, palavras de uma mãe palestina”. (HISTORIA, 2001)

Novamente o escritor Edward Said (2003, p. 153) no livro “Cultura e Política” faz uma crítica clara às lideranças árabes que utilizam o discurso religioso como maneira de atingir às crianças, convencendo-as a lutarem por uma causa, acreditando no martírio como salvação:

“Não tenho pena dos inaptos governos árabes que não podem e não farão nada para deter Israel: tenham pena do povo que carrega as feridas na pele e no corpo descarnado de seus filhos, alguns dos quais acreditam no martírio como única saída”.

Crianças são o tesouro da vida e a esperança de cada nação. Enquanto seus direitos não são respeitados e seus ossos continuam sendo esmagados pelas botas da ocupação israelense e pelos discursos político-religiosos, as canções de liberdade continuarão revolvendo a atmosfera de armas e sangue ao invés de flores e borboletas e o sonho de paz na Palestina será tão falso como um conto de fadas.

2.3 A Intifada

A segunda metade da década de 1980 é marcada pelo agravamento do conflito entre Israel e os palestinos residentes nos territórios ocupados. Durante esses anos, Israel aperta o cerco à população palestina, cometendo claras violações dos direitos humanos, além de estimular o crescimento de assentamentos judaicos na Cisjordânia, na Faixa de Gaza e Jerusalém Oriental, aumentando o ressentimento e o receio palestino quanto às verdadeiras intenções do Estado de Israel.

Diante do quadro de discriminação e repressão a população se levanta em revolta em dezembro de 1987. No dia oito daquele mês, quatro palestinos foram mortos e outros nove ficaram feridos em um bloqueio militar na Faixa de Gaza, desencadeando uma série de protestos por parte da população palestina naquele território. Na reação, o exército israelense provocou nove mortes entre os palestinos, gerando o que veio a ser conhecido como Intifada (levantar-se) – o levantamento palestino contra a ocupação israelense.

É importante observar que a Intifada não é iniciada ou planejada pela liderança da OLP. Ao contrário, é uma mobilização popular espontânea que combina o caráter de um movimento por direitos civis ao de uma luta nacional por independência e é conduzida por pessoas sem nenhuma experiência política ou militar.

O grosso dos ataques palestinos dirige-se ao exército de ocupação, cujos tanques, carros blindados, postos de controle e barricadas tornam-se alvo de ataques com coquetéis molotov, tiros de armas de fogo e, o que se tornou a imagem símbolo da resistência palestina, pedras.

O levante fica caracterizado com a imagem de uma criança contra um tanque. De um lado uma criança, armada com uma pedra. Do outro lado, um enorme monstro de metal, o tanque. A criança é a Palestina e o tanque é Israel. Essa imagem difundida em todo o mundo é uma forma de mobilização em torno do conflito palestino. Uma imagem

chocante de um ser inocente e pequeno com pedras, com seu ódio sendo expresso nas marcas de seu rosto contra outros jovens dentro de tanques blindados, mas que tem a inexperiências da idade e responsabilidades de gente grande.

O movimento da "Intifada" nasce exatamente para denunciar a desigualdade nos instrumentos de luta entre israelenses e palestinos. É um chamado para a comunidade internacional prestar atenção no conflito. Torna-se instigante o fato de que quando um menino palestino joga pedras num soldado israelense pode receber rajadas de metralhadora em resposta. Esse sentimento questionável é o que atrai a atenção das pessoas, é o que mobiliza, é o que torna a estratégia comunicacional, uma estratégia de sucesso.

Com o crescimento dos movimentos islâmicos radicais e o impasse nas conversações com Washington, o Primeiro Ministro Yitzhak Rabin negociou com a OLP, embora em conversações secretas, ocorridas em Oslo (Noruega). As negociações levam à assinatura da Declaração de Princípios entre Israel e OLP em setembro de 1993.

A Declaração baseia-se no reconhecimento mútuo entre Israel e OLP. Estabelece que Israel se retiraria da Faixa de Gaza e de Jericó, com retiradas adicionais de áreas não especificadas na Cisjordânia durante um período de cinco anos. Durante esse período, a OLP formaria a Autoridade Nacional Palestina (ANP), responsável pelo auto governo nas áreas das quais o exército israelense se retirasse. Questões fundamentais tais como a extensão dos territórios a serem “cedidos” por Israel, a natureza da entidade palestina que seria estabelecida, o futuro dos assentamentos israelenses, os direitos sobre a água, e a solução do problema dos refugiados e do status de Jerusalém são deixadas de lado, devendo ser discutidas em “negociações finais” que seriam completadas até maio de 1999.

Discursos de Yasser Arafat, presidente da OLP, na assinatura do acordo de paz entre Israel e a OLP no dia 13 de setembro de 1993 (PALESTINA1, 2004):

“Nosso povo não considera que exercitar o direito à auto determinação poderia violar os direitos de seus vizinhos ou infringir sua segurança. Em lugar disso, colocar fim a seus sentimentos de serem injustiçados e de terem sofrido uma injustiça histórica é a garantia mais forte de atingir a coexistência e a abertura entre nossos dois povos e as gerações futuras. Hoje nossos dois povos aguardam esta esperança histórica e eles querem dar uma chance real à paz”.

O escritor Raja Shehadel (1997, p.167), em seu livro “Da Ocupação às acomodações provisórias”, faz uma crítica à trágica falta de preparo e compreensão da estratégia da OLP durante o processo de paz com o resultado de que muito da simpatia conquistada internacionalmente pelos palestinos contra a política de assentamentos de Israel e seu funesto histórico de direitos humanos, foi jogada fora, não usada e não explorada:

“Todo apoio e simpatia que demorou anos para os palestinos conseguirem, foi-se embora, por assim dizer, com a convicção equivocada de que a luta havia acabado. Os palestinos, tanto quanto os israelenses, contribuíram para dar a falsa impressão, através, entre outras coisas, da imagem amplamente difundida pela mídia do aperto de mão de Arafat e Rabin, que o conflito israelense-palestino estava resolvido. Nenhuma tentativa séria foi feita para lembrar ao mundo que uma das principais causas do conflito depois de 1967 foi os assentamentos israelenses em território ocupado palestino, continuava intacta. Isso para não falar de outras questões básicas não resolvidas, como o retorno dos refugiados, as compensações e a questão de Jerusalém”.

Segundo Noam Chomsky (HISTORIA, 2004):

“Sem violar a Declaração de Princípios, Israel continuou a colonizar e a integrar os territórios ocupados com o apoio e assistência dos EUA. As intenções não foram escondidas”.

Para a elaboração dessa nova ordem de Oslo, colabora a enfraquecida Autoridade Nacional Palestina (ANP) que assina todos os acordos entre 1993 a 1999. Como denuncia Edward Said (ARABIC, 2004): *“... a equipe palestina sequer tinha mapas próprios em Oslo, nem tinha indivíduos com familiaridade bastante na geografia dos territórios*

ocupados para contestar as decisões israelenses”. Said nota ainda que, em decorrência dos acordos realizados, altos membros da ANP garantem privilégios, o que vem a reforçar a importância dos grupos militares islâmicos (Hamas, Jihad Islâmico) que desde o início se colocam contra as negociações de paz ao estilo de Washington e a autoridade à moda antiga exercida pela ANP.

Em Julho de 2000, o presidente Bill Clinton convoca Yasser Arafat e o Primeiro Ministro Ehud Barak para discussões em Camp David. Após quinze dias de negociações, a distância entre as duas partes mostra-se insuperável. Apesar de Barak ter oferecido uma retirada da Cisjordânia maior do que qualquer outro líder israelense havia oferecido, isto ainda estava muito longe da retirada integral das áreas tomadas em 1967. Além disso, Barak insiste em manter a soberania israelense sobre Jerusalém Oriental, o que é inadmissível para os palestinos e para grande parte do mundo islâmico. Yasser recusa a assinar o acordo – o que é rapidamente apontado pela mídia internacional e pelos governos norte-americanos e israelenses como sinal da “intransigência palestina”. O fracasso, entretanto, é inerente ao processo de Oslo que não é nem um instrumento de descolonização, nem de um mecanismo para aplicar a legitimidade internacional ao conflito, porém um projeto que visa mudar a base de controle israelense sobre os territórios ocupados com o objetivo de perpetuá-lo.

A situação nos territórios ocupados torna-se cada vez mais dura para a população civil palestina, caracterizando-se pelo regime de clausura implementado por Israel e pela deterioração da situação sócio-econômica e dos direitos civis e humanos, ao passo que continua a se desenvolver a estrutura ilegal de assentamentos, postos de controle e estradas israelenses nos territórios ocupados.

Novas tentativas são feitas para tentar encontrar uma solução para os conflitos e interesses de ambos os lados, principalmente o acesso dos palestinos aos montes sagrados como o Monte do Templo que os judeus dizem ser o local do seu templo bíblico e que os muçulmanos chamam de Al-Haram al-Sharif, lugar da ascensão do profeta Maomé aos céus.

Em 28 de setembro de 2000, numa tentativa muito publicizada de enfatizar a soberania israelense sobre os lugares sagrado, o líder de oposição Ariel Sharon fez uma visita ao complexo religioso de Al-Aqsa ou Esplanada das Mesquitas, provocando uma explosão de violências nas áreas palestinas sob controle judeu entre os israelenses de origem árabe em Israel, dando início a Nova Intifada (ou Intifada de Al-Aqsa) e da atual escalada genocida contra civis, principalmente crianças.

A desigualdade na luta entre soldados israelenses e jovens palestinos que atiram pedras com apoio das armas leves das milícias de Yasser Arafat, presidente da Autoridade Palestina, angaria para os palestinos considerável apoio e simpatia em todo o mundo. Mais de cento e cinquenta palestinos, entre eles muitas crianças, foram mortas no primeiro mês de lutas. Os palestinos acusam o exército israelense de brutalidade, enquanto Israel diz que o inimigo expunha crianças ao fogo cruzado com fins de propaganda.

A Primeira Intifada demonstra claramente que o povo árabe da palestina não renuncia ao direito inalienável de construir o seu próprio futuro como nação independente, plenamente soberana, no que resta – Cisjordânia e Gaza - dos territórios povoados pelos seus antepassados muitos séculos antes da chegada ali das primeiras tribos de judeus.

A Nova Intifada não apenas repete as cenas de caráter heróico do povo palestino como também renova, com sua juventude, o compromisso com a luta. Inclusive, é também um questionamento objetivo, de cima abaixo, desse giro estratégico, da política dos dois Estados e os “Acordos de Paz”.

O único ponto que pode ajudar um povo ainda fazer frente a esses projetos assumidos como únicos, é o fator humano e cultural, onde a conscientização individual e coletiva sobre o direito à vida e à autodeterminação pode proporcionar alguma mudança.

“Se há algum fator com que os palestinos podem enfrentar Israel é, de fato, o aspecto moral. Militar e economicamente eles estão em desvantagem evidente. Mas podem mostrar, no

entanto, a 'imoralidade' da ocupação israelense na Palestina. Não há outro caminho senão voltar a atenção da opinião pública para questões concretas que se apresentam no cotidiano do povo palestino ainda sob ocupação. Falar de humilhação nas barreiras das estradas, na demolição de casas, no confisco de terras, na apreensão do dia-a-dia que as pessoas estão vivendo na Palestina pós-Oslo.

Para o nosso próprio bem, devemos elevar-nos acima do fracasso do sionismo e continuar a articular nossa mensagem de paz com justiça. Mesmo que o caminho pareça difícil, ele não deve ser abandonado. Se qualquer um de nós for eliminado, dez outros devem tomar o seu lugar. Essa é a marca genuína de nossa luta e, nem a censura, nem a simples cumplicidade covarde podem impedir seu êxito” – “Cultura e Política”, Edward Said (2003. p.141).

Um discurso imbuído de palavras de coragem e de sentido de propagação da idéia de luta para todas as gerações do povo palestino até chegar a resolução da sua causa. Contudo, um questionamento surge dentro dessa atmosfera de palavras persuasivas, a luta terá fim?

A diferença primordial entre as duas intifadas é que a primeira era animada pela esperança de chegar às negociações; e houve os Acordos de Oslo; a segunda é arrastada pelo desespero, pela explosão de uma violência cotidiana suportada tempo demais. O fim? Somente os profetas monoteístas poderão ter uma resposta.

3 Representação na Mídia

INTIFADA

(Xavier Zarco)

Sentado em meu sofá, frente à TV,
vejo o mundo ou o mundo que nos mostram.

Independentemente de o ser ou
de o fazer ser, o fato é que há imagens
que marcam, que perduram penduradas

na íntima galeria da memória
e nos toldam o olhar, nos impele a
trazer, a passear, como escreveu

Eugenio Bueno, com a morte
debaixo do braço. Arde, no princípio
da triste galeria, uma mão, uma
pedra, obus mineral arremessado
contra o blindado. A mão seria de uma
criança se não fosse triste o olhar
como ave que receia o vôo.

Mas, sobre esta batalha, não perguntes
quem vai ganhar ou quem vai perder. Só
sei que sempre haverá uma intifada
dentro do teu olhar secreto e puro
que será não de pedras, mas de lágrimas.

3.1 Filmes

Olhando nos olhos de sete crianças israelenses e palestinas que vivem em Jerusalém e arredores, *Promessas de um Novo Mundo*, oferece uma visão profundamente humanista das complexidades do Oriente Médio, que normalmente falta nas análises noticiosas do conflito.

A exploração da perda da inocência faz do filme um documentário de extensa pesquisa sobre a dor e o entremeio do conflito entre judeus e palestinos.

A proposta do filme é descobrir o que pensam e o que sentem as crianças judias e palestinas que vivem em Jerusalém e nos campos de refugiados no entorno da cidade e como enxergam o mundo umas das outras tão distantes pelo ódio, embora vizinhos.

O caminho coerente entre proposta e resultado acompanha algumas situações das vidas das crianças, uma mais que outras imbuídas do ódio e radicalismo herdados das gerações precedentes, mas todas sem dúvida comprometidas pela pureza de sua idade. Entre as atividades e brincadeiras de qualquer criança entre oito e treze anos, como joguinhos de computador, campeonatos de vôlei ou até a ajuda ao pai no comércio local, os pequenos protagonistas revelam seu mundo e a pesada carga com que têm que lidar desde cedo. Amigos mortos durante atos terroristas, seja dos radicais árabes, seja do exército israelense, o medo de atentados a bomba dentro do ônibus a caminho da escola ou a ausência do pai arbitrariamente preso são algumas das situações com que as crianças do lugar têm que conviver diariamente. Independente de sua religião reagem como crianças, mas com uma humanidade à flor da pele. Espremida entre o dever do ódio e a esperança de paz.

Yarko e Daniel são dois judeus gêmeos; Moishe é um judeu radical; Mahmoud é palestino simpatizante do Hamas; Shlomo é o filho ultra-ortodoxo de um rabino norte-americano; e Sanabel e Faraj são dois palestinos que vivem em um campo de refugiados.

Alguns dos meninos são mais flexíveis e abertos ao diálogo do que outros. Mas seus relatos da vida em uma sociedade mergulhada no conflito revelam os ressentimentos, ódio, incompreensões, mortes e vingança que se entranharam naquelas comunidades.

Todos encaram esses fatos como algo inevitável e se mostram mais endurecidos e adultos do que a idade deles permitira suportar.

Com a ajuda de imagens que explicam os fatos políticos, o filme atrai a medida em que cada criança revela sua consciência, abertura para pontos de vista opostos e, às vezes, simpatia por posições extremistas.

Os judeus mais radicais como Shlomo e Moishe, se posicionam de uma maneira distante e prática em relação ao assunto “paz”. O radicalismo está impresso nas suas palavras irredutíveis de ódio aos palestinos e seus desejos de um país livre de árabes. Procuram na religião, através do Torah para justificarem sua maneira de pensar.

O levante palestino é lembrado com ardor pelos jovens dos campos de refugiados. Como é o caso de um menino palestino que chora ao contar a história de seu irmão que morreu ao jogar uma pedra em um soldado israelense durante a primeira Intifada. Seu irmão é retratado como mártir em um porta-retrato na casa da família. Como muitas crianças palestinas mortas no conflito.

No momento mais tocante do filme, as lágrimas do palestino Faraj ao perceber que, com a partida da equipe de filmagem, tudo voltaria ao normal e o esforço de aproximação entre garotos árabes e judeus terá sido muito provavelmente em vão. Faraj no começo do filme mostrou um duro desprezo em relação ao povo israelense, suas palavras eram recheadas de ódio e indignação. Ao longo do filme, ao aceitar encontrar com os irmãos judeus, as feições de seu rosto não conseguiam esconder o entusiasmo de uma criança e sua humildade e inocência ao querer brincar com novos amigos.

No exato momento onde as crianças independente de raça, cor ou religião começam a brincar, a sorrirem, o filme transmite uma idéia que somente as crianças são as condutoras da paz. Apenas.

Contudo, o ódio crescente entre os dois povos aumenta a cada geração. Quem seria o culpado disso tudo? Os pais que alimentam o ódio de suas crianças? Ou a máquina de propaganda nos discursos políticos e religiosos?

Depois de dois anos, quando são entrevistados novamente, as palavras finais do israelense Yarko deixam claro a causa de muitos problemas sociais sem solução mundo afora e deixa a esperança em um novo mundo se perguntando como a paz é possível se ela geralmente passa a fazer parte da agenda diária das pessoas quando já se transformou em ódio, “eu gostaria que houvesse paz. Mas tenho outras coisas para cuidar, o vôlei, meus amigos... Eu torço pela paz, mas ela não faz parte do meu dia-a-dia”.

O que o documentário acentua ainda mais, porém, é que, quando eles deixam para trás a inocência infantil e adotam o rígido pensamento dos adultos, a distância entre eles aumenta.

É inegável que nessa guerra as imagens têm um papel fundamental. Quando permitida, de boa ou de má vontade, a imagem determina de modo ainda mais claro o radicalismo de cada lado.

As imagens são um testemunho – honesto ou não – de uma realidade concreta.

No filme *Mil e Um Dias*, o conflito Israel e Palestina é retratado pelas câmeras de um fotógrafo com imagens estáticas, mas com emoção e envolvimento. Uma visão imparcial de quem via o conflito de longe e se surpreende com o conflito de perto.

As imagens são compostas por atentados terroristas, sangue, crianças lutando e morrendo.

Naquela região não há como retratar uma outra perspectiva sem ser a do conflito. A catástrofe conduz as lentes do fotógrafo. O filme foi rodado em 2003, no auge da Nova Intifada, as fotos, basicamente, retratam crianças mortas ou que sofreram algum tipo de agressão. Crianças palestinas na linha de frente, enfrentando tanques e crianças judaicas vítimas de atentados terroristas.

Nota-se, consideravelmente, as crianças palestinas como corajosas, lutadoras e heróicas e as crianças judias como indefesas e sensíveis. Contudo, todas vítimas da violência e do horror da guerra.

Hoje em cada esquina, em qualquer canto do mundo há uma maquina eletrônica capaz de flagrar heróis e mártires. Cada tomada, além da reprodução natural, tende a multiplicar-se e não por decisão de quem a capta, mas por imposição de quem é captado. O sujeito da imagem é seu ator efetivo. O fotografado acaba sendo o verdadeiro fotógrafo, criatura convertida em criador porque presente a disponibilidade de tempo, espaço e ânimo para tirá-lo do anonimato e alça-lo à condição de protagonista. A dinâmica do espetáculo é, em si, autopropagável: começa como acidente e acaba como paradigma. Impossível mudar o curso de uma civilização.

Isso vale para intifadas, motins, manifestações, invasões e rebeliões. Razão a mais para azedar os prognósticos sobre a situação no Oriente Médio, porque o atual confronto Israel-Palestina não é uma guerra convencional, mas uma espécie de guerra civil, graças a circunstâncias geopolíticas excepcionais: fronteiras imprecisas, adversários acotovelando-se a pouca distância e incompatibilidade de armamentos para o conflito aberto.

“Meus amigos não fugiram em 1948. E eu não vou fugir agora! Vou viver aqui e morrer aqui”. Essas são as palavras do jovem Khamal que resolve entrar para um grupo terrorista palestino para lutar pela sua terra, no filme *Filhos do Ódio*.

O filme pretende mostrar como jovens cujas famílias sofrem com a ocupação e foram expulsos de suas casas, se rebelam por uma causa e tornam-se guerrilheiros e homens suicidas. Destaca a ausência de imparcialidade plena por parte dos jovens palestinos e como todos eles se engajam nos acontecimentos de seu povo. Ao mesmo tempo em que, por parte do povo judeu, as famílias tomam um assunto com uma certa distância e conhecimentos de causa, todos querem a paz, mas sem os árabes.

O terrorismo é explicado como resultado da aflição quase impotente de milhares de palestinos. Para outros, as ações terroristas pretendem chamar a atenção do mundo para a causa palestina.

Os árabes são associados a terroristas e os judeus como defensores de sua vida contra o “mal”. O judeu sempre se posiciona em um patamar de defesa e os palestinos, como todo povo árabe em geral, como os protagonistas dos ataques e mortes de pessoas inocentes.

Há muitas perguntas que se colocam na busca de uma solução para o fim da violência. É como deuses vorazes tivessem se instalado na região, cobrando periodicamente, ritualisticamente, sacrifícios e vidas, alimentando a incompreensão e impedindo o diálogo. A Terra ou a Paz?

A parte de maior destaque é a conversa de um palestino de um grupo de guerrilha com um médico judeu quando cada um pergunta para o outro o que ele quer com essa luta. O palestino responde: *“Quero viver na Palestina como você. Quero voltar o que roubaram dos meus avôs. Quero a fronteira aberta para os palestinos”*. O judeu responde: *“Eu quero um lar seguro e alguns dias de paz. Acho que é tudo o que queremos!”*

No documentário *Rota 181 – Fragmentos de uma Jornada na Palestina-Israel*, toda a extensão da fronteira entre Israel e Palestina - conforme definida pela Resolução 181 da ONU - é percorrida. E ao longo dessa jornada, entrevistam famílias, inclusive crianças de ambos os lados: judeus e palestinos.

Os árabes são unânimes e irredutíveis ao dizer que *“não vamos deixar nossa terra. Nascemos aqui e ficaremos aqui”*.

O conflito da Intifada é citado em inúmeras vezes pelos árabes entrevistados e todos justificam ato de jogar pedras como uma forma de atrair a atenção e ajuda mundial para o conflito, ao mesmo tempo em que, desprovidos de representação militar, falta de armas, canhões e tanques, a única alternativa é utilizar-se dos recursos em mãos.

Todos os judeus entrevistados querem a paz e possuem claras comprovações religiosas e históricas para justificar a política sionista. Todos querem a paz, mas sem os árabes.

Diversas crianças foram ouvidas e todas, sem exceção, são totalmente engajadas nas questões políticas e religiosas envolvendo o conflito. As justificativas religiosas são as mais evidentes nos jovens judeus. As crianças palestinas utilizam o argumento da desapropriação e da ocupação israelense como fonte inspiradora de seu ódio e a luta por sua causa.

O “Julgamento de Salomão” (ANEXO) existente na Bíblia é bastante destacado ao longo do filme fazendo analogia aos palestinos como as “mães verdadeiras” daquela terra, da Terra Santa.

O constante uso do Julgamento de Salomão remete a um filme que visa justificar a luta palestina e provar aos judeus os motivos que levam o povo árabe a essa busca constante por suas terras. Ao destacar veemente as imagens da ocupação, as trágicas condições dos campos de refugiados, homens palestinos presos sem julgamento, senhoras chorando segurando as chaves de suas casas demolidas, o filme se posiciona totalmente pró-palestino. As lágrimas de uma criança, lamentando-se com a morte do irmão mais velho, sensibilizam ao mesmo tempo em que posiciona o espectador em pró de sua causa. O lato emotivo fala o tempo todo no filme.

Muitos dos judeus entrevistados são os mais radicais e seguidores das aspirações sionistas. Transmitem uma imagem de arrogância e intolerância, em paralelo com uma visão de uma relativa segurança ao estarem afastados dos árabes. Uma criança judia foi entrevistada e não sabia de forma alguma a história da ocupação. “*Não teve ocupação*”, segundo ela.

Como foco na criação do Estado de Israel, o filme *Kedma* mostra um pouco como nasceu a eterna guerra entre palestinos e israelenses que perdura até o momento, passando de gerações e gerações, cultivados na infância.

O desafio dos judeus na chegada a Terra Prometida motivados pelo Movimento Sionista para chegar aos “kibutz” (comunhas), encontrando árabes que estavam sendo expulsos de suas casas.

As lamentações dos dois povos: um vindo dos campos de concentração nazistas e o outro, tendo que deixar suas casas e viverem como refugiados.

O que é mais evidente no filme é como todos os pensamentos e pontos de vistas defendidos pelos dois povos persistem até hoje. Como se cada filho nascesse, no sangue, com o ódio e incompatibilidades cultivadas por anos.

Como destaque interessante, as visões distintas e a posição que assumem um palestino e um judeu. O palestino deixa claro, como até hoje, que a Terra Prometida pertence ao povo árabe e não vão deixá-la. Já o judeu, assume uma posição de desapontamento e angústia em relação à história do povo judeu e a criação desse novo lar.

Partes extraídas do filme:

O palestino:

“Permaneceremos aqui, apesar de vocês, como uma muralha! Lavaremos pratos em bares! Serviremos copos aos senhores! Esfregaremos o chão das cozinhas para arrancar um pão para os nossos jovens de suas garras miseráveis. Permaneceremos aqui apesar de vocês, como uma muralha! Sentiremos fome, andaremos aos farrapos! Mas nós os desafiaremos! Permaneceremos aqui, apesar de vocês, como uma muralha! Escreveremos poemas, nossas passeatas encherão as ruas! Lotaremos as prisões com o nosso orgulho! Seremos os pais de gerações de crianças rebeldes! Permaneceremos aqui, apesar de vocês, como uma muralha!”

O judeu:

“Não temos história. Isso é um fato. Os Góis (homens alemães) fizeram a nossa história! Não queríamos ser assim. Não foi como queríamos. Eles nos forçaram, independentemente da nossa vontade. Por isso eu digo: sou contra! Eu não a reconheço, ela não existe para mim. Vocês não podem imaginar o quanto sou contra, o quanto a rejeito! Pensem um pouco. Do que ela é feita? Opressão, calúnia,

perseguição, martírio. Sem glória ou feitos. Nem heróis ou conquistadores, só pobres desgraçados perseguidos, lamentando-se, chorando, sempre implorando pela vida. Eu proibiria ensinar história judaica às nossas crianças. Para que? Eu lhes diria: No dia em que fomos expulsos de nosso país tornamo-nos um povo sem história. Fim de aula!”.

Alguns acham heróica a forma que resistimos aos nossos sofrimentos. Para o inferno com esse heroísmo! É o heroísmo do desespero. Quando não existe saída qualquer um pode ser herói querendo ou não. Esse tipo de herói, cedo ou tarde, não conseguirá parar de dizer: Vê o que sofri em silêncio? Quem poderia fazer melhor? Entenda! Nós sofremos e gostamos porque, sem o sofrimento, deixaríamos de existir. É o que quero dizer: Sofram, sofram, sofram! Assim, o sofrimento torna-se mais precioso que a alegria. Lamentamos em vez de agir. Preferimos a escravidão à redenção, o sonho à realidade, a esperança ao futuro. Sofrimento é o que nos faz judeus. Prova que somos bravos e heróicos, mais que qualquer outro povo. Não agimos, não controlamos o nosso destino. Há um significado para isso. Significa que vocês nunca nos derrotarão. Vocês nunca nos destruirão. Nenhuma força sobre a Terra será capaz disso. Há limites para a força, mas não para a força do sofrimento. Isso explica tudo: exílio, martírio, o Messias. Os três unidos para que os judeus nunca conheçam a salvação. Para que continuem a vagar de país em país perseguidos pelo ódio. Exílio, exílio... Como adoram! Como se apegam a ele! É o seu maior tesouro, mais que Jerusalém. O exílio é a nossa pirâmide: martírio como base, o Messias no topo e o Talmude com Livro dos Mortos!

Milhões de homens, toda uma nação que se afunda na loucura há dois mil anos. Que povo admirável! Que povo horroroso! Terrível a ponto da insanidade. É a loucura com um propósito: a crença no Messias. Um simples mito que mudou tudo. Eles teriam voltado à Palestina ou para outro lugar forçados a fazer planos para o futuro para sair do pesadelo. Mas vocês não precisam fazer nada! O Messias virá e cuidará de tudo. Estão até proibidos de fazer alguma coisa. Ficaremos em nosso exílio por toda a eternidade até que o céu nos mande alguém para nos salvar? Eu acho que Israel não é mais um país judeu. Nem agora, nem muito menos no futuro. O tempo dirá. Está tudo arruinado. Acabado!”

3.2 Jornais

De acordo com o livro “Linguagem da Propaganda”, (1985, p. 37):

“Quando o texto e imagem coincidem nos veículos impressos, a relação mais freqüente entre um e outro é chamada de “ancoragem”. O sentido deste termo deve ficar claro: o texto proporciona o elo entre a imagem e a situação espacial e temporal que os meios puramente visuais de expressão não permitem estabelecer. Ao mesmo tempo, o texto também seleciona uma entre várias interpretações possíveis da imagem, razão pela qual se pode dizer que, enquanto uma imagem em si mesma é sempre neutra, se tiver título ou legenda nunca o será”.

No caso do Oriente Médio e, mais especificamente, no conflito Israel-Palestina, a mídia, ela própria, converteu-se num campo de batalha em que cada gota de sangue devidamente dramatizada abre as torneiras para um banho de sangue. A exibição reiterada de imagens como um menino palestino baleado nos braços do pai ou um militante palestino mostrando as mãos manchadas de sangue depois do linchamento de um reservista israelense são exemplos clássicos de um novo tipo de guerra em que a imagem da fúria deflagra a fúria pela imagem.

As emoções neste caso inflamam-se rapidamente porque um dos próprios componentes do conflito é religioso, portanto emocional, portanto altamente inflamável. A mídia não chega a ser uma religião, mas sem a mídia as religiões hoje não seriam o que são.

A análise comunicacional é feita desde o início da Nova Intifada, datada de 28 de setembro de 2000, até a data de 31 de outubro de 2000. Os jornais de estudo são Jornal do Brasil e O Globo, de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro.

No primeiro dia de conflito, o Jornal do Brasil deu pouco destaque ao acontecimento. Uma breve nota foi noticiada, com uma pequena foto. Contudo, o que é claramente destacado nesta primeira incidência de notícia e durante todo o acontecimento, é o ato de jogar pedras por jovens palestinos como característica

fundamental e bastante enfatizada nos artigos e reportagens como uma maneira de ataque:

“Dezenas de jovens palestinos atacaram ontem com pedras as patrulhas israelenses logo depois da visita, por eles considerada uma provocação, do líder do partido do Likud, de direita, Ariel Sharon, ao complexo religioso Al-Aqsa, local sagrado do islamismo em Jerusalém”. – Jornal do Brasil, 01.10.2000.

“Em Nazaré, dentro do território israelense, centenas de jovens ergueram barricadas na estrada e atiraram pedras nos policiais, que responderam...” – Jornal do Brasil, 02.10.2000.

“As forças israelenses voltaram a usar helicópteros em Nablus... contra centenas de palestinos que apedrejavam seus soldados...” – Jornal do Brasil, 03.10.2000.

Em comparação com o Jornal O Globo, este não enfatiza o ato de jogar pedras tão veemente como o outro jornal. Ele mantém a posição dos palestinos como vítimas dos ataques israelenses, seus tanques e soldados. Algumas reportagens:

“... os israelenses voltaram a jogar mísseis contra os palestinos”. – Jornal O Globo, 04.10.2000.

“Israel bombardeia cidades palestinas...” – Jornal O Globo, 13.10.2000.

“Soldados israelenses mataram quatro palestinos... Tanques israelenses dispararam contra a localidade palestina... usou também helicópteros de guerra contra palestinos”. – Jornal O Globo, 28.10.2000.

Este mesmo jornal deu um destaque maior ao início do conflito. O que é bastante evidente em todas as notícias é a presença marcante de imagens que têm duas funções básicas: chocar e motivar.

A legenda das fotos fala mais que as próprias imagens como é o caso de alguns exemplos:

“Um soldado israelense aponta uma arma para manifestantes palestinos na cidade de Nazaré, no norte de Israel, para onde os distúrbios se espalharam ontem”. – Jornal O Globo, 02.10.2000.

“Uma pequena palestina atira pedras em soldados de Israel”. – Jornal O Globo, 02.10.2000.

“Palestinos conduzem o corpo de um adolescente de 16 anos, morto por forças israelenses na Cisjordânia”. – Jornal O Globo, 02.10.2000.

“Ainda com a mochila nas costas, Sami Abu Jazar é levado para uma ambulância”. – Jornal O Globo, 11.10.2000.

“Um soldado recolhe a bicicleta usada por um palestino no ataque”. – Jornal O Globo, 27.10.2000.

Destaca-se o uso de simbologias remetendo a idéia de infantilidade e fragilidade dos palestinos em contrapondo com a idéia de grandiosidade e poder dos israelenses.

As palavras como “pequena”, “mochila”, “bicicleta” e até mesmo “pedras” remetem a emoção e apreciação pelos jovens combatentes. A emoção falando mais alto que o racional é mecanismo de propaganda bastante usado por jornalistas.

As chamadas das manchetes dos dois jornais, destacando os mesmo acontecimentos, direcionam o leitor a idéias distintas. Como são os casos:

Dia 02.10.2000:

“Israel enfrenta protestos” – Jornal do Brasil

“A Nova Intifada” – Jornal O Globo

Dia 11.10.2000:

“Conflito na Esplanada das Mesquitas causa sete mortes e ameaça prosseguir”- Jornal do Brasil.

“Mais um menino palestino é morto e esforço para deter o conflito se intensifica”. – Jornal O Globo

Dia 13.10.2000:

“Povos livres e iguais ou guerra santa”. – Jornal do Brasil

“Um dia de derrota pela paz”. – Jornal O Globo

É claro o posicionamento de ambos os jornais diante do conflito Nova Intifada. O Jornal O Globo se posiciona de maneira a evidenciar os palestinos mortos que lutaram contra gigantes e ao mesmo tempo em que enfatiza o conflito em si, suas causas e procedências. Já o Jornal do Brasil assume uma posição de mostrar as imagens de luta e agressão por parte de um povo revoltado e os israelenses com a missão de conter essa “rebelião” cheia de ódio e irracionalidade.

A cada momento que o conflito se agrava, os jornais passam a dar mais destaque a Nova Intifada ou Intifada de Al-Aqsa. A tragédia como atração. O Globo destaca o esforço norte-americano na busca por uma solução do conflito, analisando alguma maneira de alcançar a paz na região:

“O presidente norte-americano suspendeu a sua própria folga do fim de semana para ficar ao telefone em contato com os líderes do Oriente Médio, buscando evitar que os acordos de paz ficassem em segundo plano”. – Jornal O Globo, 10.10.2000.

Dia-a-dia, os números de mortos são noticiados e em paralelo, vêm como solução para o conflito um acordo de paz. Os líderes dos dois povos tentaram por diversas vezes, por intermediação dos EUA, se encontrarem para decidir o fim do conflito. Os israelenses exigiam do líder palestino, Yasser Arafat, o fim das rebeliões. Já este, pedia à ONU que investigasse os responsáveis pelo início do conflito.

O Jornal O Globo destaca os discursos de ambos os líderes, Yasser Arafat e Ehud Barak, durante as negociações de um novo acordo de paz para conter a Nova Intifada:

“Para sua informação, nós somos os palestinos, o povo forte do Alcorão. Nós não hesitamos em prosseguir nossa marcha para Jerusalém, a capital do Estado palestino independente”. Yasser Arafat - Jornal O Globo, 13.10.2000.

“Arafat é a verdadeira causa da violência recente na região. Ele deu a luz verde aos extremistas, fechando os olhos e os estimulando. Ele poderia mandar parar a violência imediatamente, se esta fosse sua vontade”. Ehud Barak – Jornal O Globo, 13.10.2000.

Arafat possui em seu discurso elementos religiosos para uma motivação ao conflito. Querem um Estado independente cuja capital seria Jerusalém Oriental onde se encontra a Esplanada das Mesquitas. Barak mantém uma posição de querer o fim do conflito e para não ter que reagir com suas forças pede o fim da violência para o líder palestino. É bem claro no discurso israelense elementos ameaçadores que justificariam qualquer tipo de contra ataque violento por parte de Israel.

O fato de jovens e crianças encararem o conflito com pedras nas mãos levou uma indagação geral por parte da opinião internacional em relação ao papel exercido pelos soldados israelenses com seus tanques e metralhadoras:

“A violência do conflito desencadeou uma forte polêmica sobre o uso de armas de fogo por Israel para reprimir manifestações”. – Jornal do Brasil, 01.10.2000.

Da mesma forma que grupos radicais são tidos como figuras que impedem as negociações para o fim do conflito e se posicionam como contra a qualquer tipo de acordo com os líderes israelenses:

“Nosso povo, alimentado com amor pelo martírio, que cresceu entre balas e bombas, está sempre pronto a lutar contra o inimigo”. Palavras de Jailed Mechaal, um dos líderes do Hamas – Jornal do Brasil, 13.10.2004.

“É apenas o primeiro de uma série de atentados suicidas com o objetivo de semear o terror entre os soldados do inimigo”, líder do Jihad. – Jornal O Globo, 27.10.2000.

A palavra “inimigo” existe nos discursos dos dois jornais. Em toda guerra um inimigo é definido para lutar contra. Seja ele uma ideologia, uma política ou um grupo armado.

A fragilidade da ofensiva árabe é noticiada comparando os tanques israelenses com as pedras palestinas. Cada lado culpa o lado oposto. O mundo passa a ficar dividido em duas correntes. O pacificador e o inimigo.

Em ambos os jornais há um destaque profundo em relação a mortes de crianças expostas a um fogo cruzado entre manifestantes e soldados israelenses, e também crianças que estão na linha de frente atirando pedras e coquetéis molotov. A tragédia de crianças vira atração, torna notícia.

Uma criança morta no colo do pai conduz toda a narrativa dos jornais. O palestino Rami Aldura, de doze anos, morreu baleado na frente de câmaras de TV. A morte de crianças chama o espectador e o leitor e implica na absorção de idéias de injustiça e martírio. Uma criança em um fogo cruzado chama a atenção para a violência insustentável da região. Particularmente o Jornal O Globo dá uma maior ênfase a esse ponto com as imagens e ainda divulga discursos como de um palestino:

“O sangue de nossas crianças é tão vermelho quanto o das de vocês”. – Jornal O Globo, 02.10.2000.

No Jornal do Brasil, a palavra *protesto* é muitas vezes citada como ação dos palestinos. Protesto contra a ocupação; protesto contra a ausência de auto determinação do povo; protesto contra a política expansionista de Israel. Este cabe *responder*. Responder ao ódio sobrehumano do palestino.

Segundo o mesmo jornal, ações militares por parte dos israelenses são sempre *respostas* a alguma coisa, mesmo quando eles atacam primeiro. Se não foram efetivamente atacados, é uma *resposta* a ameaça e à sua segurança.

No jornal O Globo no artigo “Fronteiras explosivas”, o jornalista Ariel Fingerman critica a posição de alguns judeus que vivem em campos de assentamentos dentro de áreas de campos de refugiados palestinos. Os judeus assumem uma posição de represália e expulsão aos árabes que ainda vivem em sua terra. Mais uma vez, constata-se a posição das ações de Israel como *resposta*:

“Não estão dando uma resposta séria a Yasser Arafat. Israel deveria dar uma resposta mais dura, matar uns vite, então eles ficariam com medo e baixariam a cabeça”. Yoshua Mor Yosef, judeu de apenas dez anos – Jornal O Globo, 29.10.2000.

É evidente o preparo armado das forças israelenses contra pedras, coquetéis molotov e bombas caseiras. Ao longo de todas as mortes reportadas, são nítidas as mortes de crianças, jovens e homens palestinos em paralelo, com as mortes de soldados israelenses. A população passa a ser combatentes. Os civis não são poupados de nenhum ato de violência:

“Do ar, os helicópteros dispararam sobre a multidão. Durante o tiroteio foi morto um menino de dez anos, Samr Samir Tabanja. Outra criança, de sete anos, teria sido morta em Rafá, na Faixa de Gaza”. – Jornal do Brasil, 09.10.2000.

“Mais um menino palestino, Mohammed Abu Assi, de nove anos, morreu ontem, atingido no peito por balas disparadas por soldados israelenses, segundo testemunhas”. Jornal O Globo, 05.10.2000.

Muitos palestinos que vivem dentro de Israel, em bairros muçulmanos (representam 20% da população) também se revoltaram contra o ato de Ariel Sharon e consideraram um conflito religioso. Apesar de terem acesso aos templos sagrados e morarem em Israel e não em campos de refugiados, assumem a posição de árabes, apoiando a revolta.

“... é desumano pedir que fiquemos de fora enquanto assistimos soldados israelenses matarem crianças palestinas a sangue frio.” – jovem palestino Kaled Abu Araish – Jornal do Brasil, 03.10.2000.

Em um artigo no Jornal O Globo (30.10.2000), a questão religiosa é noticiada como motivo do início do conflito. Segundo a jornalista Mary Curtius, os palestinos dizem que foram os israelenses que injetaram religião no conflito, desencadeado com a visita de Ariel Sharon ao Monte do Templo, declarando a soberania israelense sobre o que os lugares religiosos.

O escritor e pacifista Amos Oz em entrevista para O Globo criticou a resposta israelense contra os palestinos que vivem dentro de Israel e assume uma posição de desprezo por aqueles que vivem em campos de refugiados, construindo uma figura agressiva e irracional:

“Há uma clara diferença entre o que está acontecendo nos territórios ocupados e o que acontece aqui dentro. Nos territórios há uma guerra iniciada por Arafat, luta ferozes entre duas forças armadas. Mas em Israel, apesar de violentas, as manifestações foram civis”.

Segundo o mesmo escritor, palestinos segurando pedras e paus nos campos de refugiados são considerados armados. Independente de quem esteja munido de suas “armas” são pessoas violentas que merecem serem repreendidas para segurança do local. Conclui-se que crianças são combatentes e não civis.

Em um artigo intitulado “A Autofagia Palestina” (Jornal do Brasil, 13.10.2000), Zevighvelder, comentarista de política internacional, faz uma dura crítica às lideranças palestinas e a maneira como reivindicam seus direitos. Não acredita no motivo dado para o início do levante e faz uma breve comparação com as duas intifadas, dizendo a Nova Intifada é um levante infundável e sem razão.

“Os recentes acontecimentos evidenciam que os palestinos estão promovendo uma lamentável autofagia a ponto de inviabilizar seu Estado independente antes mesmo de instituí-lo”. – Jornal do Brasil, 13.10.2000.

Em contrapartida, no artigo “Povos livre e iguais ou ‘Guerra Santa’”, o autor Emir Sader, professor de Sociologia da UERJ e da USP, rejeita a política israelense como desobediente aos tratados das Nações Unidas e resoluções da ONU e ainda enfrentando com armação pesada a população civil munida de paus e pedras.

O mais interessante é a analogia, nunca antes feita, do sofrimento do povo judeu na época do Holocausto com o sofrimento vivido atualmente pelo povo árabe:

“A grande pergunta é se os judeus de todo o mundo não se reconhecem no sacrifício dos palestinos na luta pelo direito a ter um Estado, a viver no seu país, a reunir a todos os milhões de refugiados dispersos em vários países. Se não se reconhecem naquela cena do pai tratando inutilmente de proteger a seu filho, diante da fuzilaria do Exército israelense, numa versão palestina de ‘A vida é bela’. Não reconhecer

alheios é não ser fiel a suas próprias vítimas, é passar de vítimas a verdugos". – Jornal do Brasil, 13.10.2000.

Em um outro artigo de Marcelo Nixto, a "utilização" de crianças no conflito é vista como uma maneira de propaganda desumana, salientando o fato que guerrilhas palestinas possuem crianças palestinas desde dez anos de idade em seus campos de treinamento. Faz uma dura crítica a Arafat pela utilização dessas imagens como estímulo a atrair a atenção mundial em pró de acordos políticos.

"Quando as cenas de heróicos jovens palestinos enfrentando com pedras os fuzis israelenses ganharam os meios de comunicação do mundo inteiro e inflamaram outros países árabes, Arafat percebeu que estava no caminho certo: assim como a Intifada do fim dos anos 80 convencera Israel a negociar o fim da ocupação dos territórios palestinos, a Intifada de 2000 ajudaria a unir seu povo e lhe conceder vantagens na negociação". – Jornal do Brasil, 22.10.2000.

O artigo ainda destaca a posição de vítimas na qual os palestinos se enquadram e se refere a eles como "monstros". Usa a palavra "condenação" para se referir aos israelenses que têm que saber viver com a violência do povo árabe da Palestina.

A idéia da morte para o povo palestino é explicada no Jornal O Globo que mostra fotos de uma multidão carregando um caixão de um menino morto durante o conflito, transformado em mártir. A idéia de salvação nos discursos dos líderes palestinos transmite uma idéia de invencibilidade de um povo que não tem medo de morrer.

Em uma reportagem do Jornal do Brasil (27.10.2000), a morte heróica é estimulada por parte do povo. Para eles, os dias de conflito da Nova Intifada são de consagração ao martírio nos territórios palestinos. Martírio este, que engrandece os sacrificados.

"Não considere o caso dos que morreram no caminho de Deus como um falecimento, pois agora eles vivem ao lado do

Senhor”. – Fararja, cujo filho de onze anos Mustafá, morreu na luta. – Jornal do Brasil, 27.10.2000.

De acordo com a tradição muçulmana, os mortos em combate ocupam um lugar especial no paraíso, ao lado do profeta Maomé, por terem defendido a terra islâmica.

A maioria dos mortos são jovens que vão de “*encontro com Deus*”. Jovens que cometeram suicídio ao detonar um cinto de explosivos em sua volta ou que atacaram com pedras militantes armados. Crianças que viram mártires, condenados a morrer com prazer.

O Jornal O Globo dá um destaque maior na participação de crianças e jovens no conflito no artigo de Deborah Sontag. O texto compõe de depoimentos de crianças e jovens que lutam durante a Nova Intifada, enfatizando que a nova geração de palestinos iniciará a vida em meio a um bárbaro derramamento de sangue. Em paralelo, destaca também a posição de um jovem soldado israelense diante de sua função de ter suas armas em punho prontas para atirarem.

“Você sabe que sua pedra não pode pegar num soldado israelense. Mas você quer demonstrar sua raiva e provar que fez alguma coisa por sua terra. Meu pai me diz que não devo ir para as ruas, que não há necessidade de outra geração de vítimas. Eu respondo ‘está bem’, mas vou assim mesmo”. Muhammad Ibrahim, dezessete anos – Jornal O Globo, 08.10.2000.

“Vejo muita raiva e ódio nesses meninos árabes com suas pedras e estilingues. Acho que os entendo. Eles pensam que isso aqui é de seus pais, sua terra. É como se fôssemos nós há cinqüenta anos. Mas cada um tem seu lado. Eles jogam pedras. Nós atiramos em resposta”. Guy Stencil, dezenove anos – Jornal O Globo, 08.10.2000.

O Jornal O Globo foi o único entre os dois a noticiar um ano de Nova Intifada, destacando o número de mortos desde o início do conflito. Relata histórias de mortes de pessoas inocentes, sensibilizando o leitor de uma maneira envolvente. Mortes de jovens sendo lembradas por seus pais.

A ocupação israelense jaz na raiz do conflito e ainda assim, nada sobre isso foi noticiado nos dois jornais. O que faz pensar que foi uma revolta pontual com um motivo único definido: uma revolta palestina contra a visita de Ariel Sharon a Esplanada das Mesquitas. A ocupação é um fato concreto que muitos palestinos assumem como motivos de qualquer ação e revolta por parte desse povo.

Segundo Hanoch Marmari, editor-chefe do jornal israelense *Há'aretz* (HAARETZ, 2004):

“O conflito Israel-Palestina criou uma crise nos valores do jornalismo, e a cobertura tem caído nos quatro pecados principais: obsessão, preconceito, condescendência e ignorância. A guerra em torno da terminologia (homens-bomba, suicidas, terroristas, guerrilheiros) também evidencia que a ingenuidade é uma ‘falha profissional intolerável’ no Oriente Médio, sendo, portanto, o quinto pecado jornalístico”.

4 A Traição da Infância

PARA MINHA MÃE

(Mahmud Darwish)

Estou com saudades do pão da minha mãe
Do café da minha mãe
Das mãos da minha mãe
A infância vai crescendo em mim
E amo a vida, porque se eu morresse
Me magoariam as lágrimas da minha mãe

Se um dia eu voltar
Enfeite seus olhos comigo
E cubra meus ossos com a grama
Que teus pés purificam
Se é que eu volto
Me amarre aos seus cabelos
Me amarre na barra do seu vestido
Eu poderia ser como um deus
Sim, um deus
Se eu conseguisse chegar ao fundo da sua alma

Quando eu voltar
Acenda comigo a lareira
Faça de mim a corda do seu quintal
Para estender a roupa
Não consigo levantar-me
Sem a sua oração da manhã
Fiquei velho
Me devolva às estrelas da infância
Para que eu possa pegar, com os pássaros o caminho de volta
Ao ninho de tua espera.

4.1 Criança = Adulto

Quem é “criança”? Antes de estabelecer uma lista de causalidades infantis da Nova Intifada, é importante esclarecer a distinção de “criança” e “adulto” feita pelas leis internacionais.

Pelo artigo um da “United Nations Convention on the Rights of the Child”, adotado em 20 de novembro de 1989 (MONITOR, 2004):

“Uma criança significa qualquer ser humano abaixo da idade de dezoito anos ao menos que, sob a lei aplicada para a criança, a maioridade é requerida mais cedo”.

É bastante questionável quando crianças palestinas, entre quinze e dezoito anos, mortas durante a Nova Intifada, podem ser consideradas “combatentes”. Primeiro, o caráter do confronto é mais do que uma revolta de civis palestinos contra a ocupação israelense – opondo-se a uma ocupação armada – mas sim, um conflito entre duas forças armadas. Certamente não pode ser dito que crianças são “obrigatoriamente” recrutadas, nem pode dizer que crianças que participam da Intifada são consideradas “crianças soldados”. Uma comissão dos Direitos da Criança fez um inquérito em 2001 e declarou (MONITOR, 2004):

“Pedras sendo jogadas por jovens em pesados postos de proteção militar pode ser considerado um ato de envolvimento em hostilidades”.

De acordo com os princípios das leis internacional de Direitos Humanos, a população civil deve ser protegida contra perigos provenientes de operações militares e, em particular, não pode ser alvo do ataque. Civis são definidos como não combatentes, por exemplo, indivíduos que não participam de ações de hostilidades.

Por volta de 1863, as potências internacionais reconhecem a necessidade de uma proteção especial para não combatentes, especialmente mulheres e crianças. Os civis participantes da Nova Intifada estão sendo alvos de Israel que argumenta enfrentam uma situação de “conflito armado”, onde seu exército luta contra forças armadas da

Autoridade Palestina. Os palestinos, por outro lado, caracterizam o conflito atual como uma revolta civil contra a ocupação. Apesar destas controvérsias legais, seria difícil achar indivíduos mais “civis” em caráter que uma criança desarmada, e elas, indubitavelmente, devem ser protegidas pelos princípios internacionais.

Jovens protestantes palestinos confrontam-se diariamente com o exercito de ocupação israelita. Crianças copiam os seus irmãos mais velhos. Eles começam atirando pedras aos soldados israelitas posicionados nas suas cidades e em frente às suas escolas. Israelitas não fazem qualquer discriminação.

“É claro que eu tenho medo enfrentando os israelitas. Mas eu sinto-me bem quando irrito fortemente os soldados. Eles são covardes. Eles se escondem por trás de blocos de cimento com metralhadoras. Nos só temos pedras. Eles podem me matar se eles quiserem. Talvez, só Deus decide da vida e da morte. Eu prefiro morrer atirando pedras” - Rami al-Khala, 10 anos, (HISTORIA, 2001).

“O Palestino não tem infância. Como é que você pode ensinar a sua criança sobre a bondade da natureza humana, se tudo o que ela vê é o pior dos exemplos de humanos”. Mãe de Rami, (HISTORIA, 2001).

Mas não há como não respeitar, admirar e apoiar o heroísmo dos jovens e das crianças que enfrentam os tanques de Israel de estilingue em punho. Privado de sua terra, o povo da Palestina se agiganta por suas reservas de coragem e esperança, buscando a garantia de que, mais dia, menos dia, conquistarão seu legítimo direito à vida e à liberdade na terra dos seus antepassados, em um Estado palestino soberano e independente.

As crianças começam a sentir que se eles tiverem que viver como seus pais viveram, eles preferem morrer. O povo mais perigoso que existe no mundo é aquele que não tem motivo para viver. Muitos jovens palestinos se adequam a esta categoria. Para estes jovens enfrentar soldados israelenses garante um sentimento de liberdade e poder.

”Seja nós ou eles, a morte deixa para trás uma concha e então nossa fé nos traz uma nova vida. Os cânticos revolucionários, o silvo das sirenes lá fora e as notícias dos confrontos de ontem e da noite anterior -- mais sete mortos -- não nos dão

raiva. Ao contrário, são ruídos e notícias que nos impulsionam para frente, que nos fazem ferver o sangue, que nos permitem uma raiva indispensável para sobreviver mais um dia. Por duros que tenham sido estes últimos dias, quando uma semana pareceu durar uma década, as pessoas estão determinadas a lutar até o fim. (...)” Mouna Hamzeh-Muhaisen, moradora de um campo de refugiados (CHILDHOOD, 2004).

O ato de jogar pedras é, para muitas crianças, resistência. Elas não têm medo dos soldados de Israel e os querem fora das suas vidas, fora do seu playground, das suas casas. Os soldados, com seus tanques roubam a infância das crianças e a pedra é uma forma simbólica de restabelecê-la. A pedra representa um símbolo de que querem resistir à ocupação e ao *status quo*.

Há estudos que evidenciam uma predisposição dessas crianças se tornarem homens suicidas. A idéia drástica difundida da ocupação os levou até um ponto em que eles não vêem mais sentido na vida. Conseqüentemente, eles pensam que se cometerem um atentado suicida ajudarão no processo de resistência e então passam a ter sentido na vida. Os níveis de desespero, dor e frustração alcançam tal estágio que as pessoas, em especial as crianças, têm encontrado dificuldades para se adaptar. Mas é importante destacar que existem outras formas de lutar contra a ocupação, através da comunicação, mostrando a verdade ao mundo. É importante mostrar para as crianças que ainda é possível ter esperança na vida. Isso é algo que a ocupação e os discursos políticos tentam roubar delas. Seus sonhos são despedaçados e não têm certeza se sobreviverão a um outro dia.

A juventude palestina não está realmente convencida de que possa existir uma solução para o problema. Só lhes restam morrer por uma causa.

“Mostrem-me onde, na história, um povo parou de sonhar e de se bater por sua independência e por sua liberdade...” - Mouna Hamzeh-Muhaisen (CHILDHOOD, 2004).

4.2 O Terrorismo

O terrorismo se refere à metodologia de usar a violência para incitar uma reação de medo por parte da população civil, com o propósito de alcançar uma questão política religiosa ou uma meta no campo social. O terrorismo é explicado por muitos militantes como resultado da aflição quase impotente de milhares de palestinos. Para outros membros da resistência, as ações terroristas pretendem chamar a atenção do mundo ocidental para a causa palestina.

Na Palestina, variados grupos são envolvidos com violência como Hamas, Jihad Islâmico, A Brigada dos Mártires de Al-Aqsa (depois da morte de Arafat passou a se chamar A Brigada dos Mártires de Yasser Arafat) e Hesbollah. Eles travam uma intensa campanha de guerrilha e terrorismo contra Israel.

A tática que tornou os palestinos famosos é o suicídio por bombas que geralmente, é conduzido contra alvos “leves” como civis ou alvos “ligeiramente pesados” como postos de checagem dos soldados israelenses. O propósito maior é tentar aumentar os custos da guerra para Israel e desmoralizar a sociedade israelense.

Segundo a versão palestina, ao contrário do que muitas pessoas pensam, muitos homens bombas suicidas não são religiosos radicais, nem são da área mais destituída da população – eles, geralmente, são relativamente prósperos e bem educados, e vêem suas ações como um sacrifício para remediar a injustiça. O suicídio por bombas não é um ato de despreparo, mas sim, um ato deliberado caracterizado como martírio.

As palavras do reitor da Universidade Al-Azhas na cidade no Cairo destacam bem essa questão do propósito do terrorismo dentro da causa palestina (PALESTINA1):

“Uma coisa é o terrorismo que mata inocentes, e outra coisa é etiquetar como terrorismo uma ação que é apenas uma reação de autodefesa para se proteger de alguma coisa, como no caso da resistência para como as forças de ocupação”.

No dia 14 de março de 2003, um menino de dez anos foi pego carregando uma bomba, atravessando um posto de checagem. E seguidos dez dias, um deficiente mental de dezesseis anos foi pago para ser um homem bomba suicida. Diferentemente da maioria dos atentados suicidas, o uso de crianças no conflito não apenas ganha a condenação das nações ocidentais e também dos direitos humanos como a Anistia Internacional, mas também de muitos palestinos e do Oriente Médio em geral.

O homem bomba suicida palestino mais novo tinha dezesseis anos, Issa Bdeir, um estudante do primeiro grau escolar da vila de Al Doha, quem chocou seus amigos e família quando ele se explodiu em um parque, matando um jovem e um idoso.

O uso dos termos terrorismo e terrorista é politicamente empregado como forma de propaganda para aumentar o apoio em oposição aos designados como “terroristas”. Podemos constatar em textos de jornais, internet e até discursos políticos.

Nações que apóiam formas organizadas de violência (particularmente quando civis são prejudicados) cuidarão de dissocia-los do termo e usarão neutros ou até mesmo termos positivos para caracterizar seus próprios combatentes – como soldados, lutadores pela liberdade e patriotas, todos esses termos podem ser ambíguos.

Um recente estudo coordenado pelo mais reputado psiquiatra infantil da Faixa de Gaza, Dr. Eyad el-Sarraj mostra que cerca de vinte e cinco das crianças que vivem ali pretendem se transformar em kamikazes quando alcançarem a maioridade. Se estão dispostos a morrer atirando pedras contra um tanque, por que não detonando um cinturão explosivo?

"Depois de perguntar a uma ampla amostra de crianças de diversas localidades da Faixa de Gaza o que querem ser quando completarem dezoito anos descobrimos que uma porcentagem muito significativa pretende ser 'shahid', o que no contexto local deve ser interpretado como suicida. Trinta e cinco por cento dos meninos respondeu que sua aspiração máxima é transformar-se em mártires, enquanto entre as meninas esse número chegou a 14%. Isso nos dá uma média de 24,5%, o que é realmente preocupante". (AFOLHA, 2004), aponta o médico.

Segundo o psiquiatra, é imperativo encontrar uma solução para o conflito palestino-israelense. El-Sarraj argumenta que o fato de as crianças palestinas presenciarem - seja de forma direta ou através da televisão - como os maiores morrem, ficam feridos ou são humilhados pelo exército israelense, cria um vazio de proteção que logo é preenchido pelas organizações extremistas, às quais gostariam de pertencer quando forem convidadas.

As crianças andam raivosas pelas profundezas que são submetidos para sobreviverem. Intelectualmente e emocionalmente, eles sabem muito pouco além da opressão. Eles cresceram em campos de refugiados, tiveram suas casas demolidas, viram seus pais e irmãos mais velhos sendo levados para prisão, alguns retornam agredidos sem poderem andar ou falar. Quase que todas as famílias que vivem na Palestina sabem o que é trabalhar sem serem pagos.

“As pedras não são tão efetivas contra os militares israelenses, mas nosso pedido pela paz, com palavras de suplico, rezas ou esforços também não têm adiantado nada”
– palavras de um menino palestino de onze anos.
(HISTORIA, 2004)

Nunca é demais dizer que a causa do terrorismo e dos atentados é a injustiça. Quando um povo ocupado experimenta a injustiça do cotidiano, revolta-se. Quando é esmagado, procura vingar-se com sentimento de ódio. Quando é humilhado, manifesta a sua capacidade de resistência.

5 Considerações Finais

Os palestinos não são vistos nem em termos de possuir uma história própria, nem em termos de uma imagem humana que as pessoas possam se identificar facilmente. A forma como os palestinos são representados na mídia mostra um povo sem história nem humanidade, gente agressiva que joga pedras e defende a violência. Em contrapartida, existem diferentes interpretações na compreensão das atitudes palestinas. O ato de jogar pedras para muitos é sinônimo de coragem e para outras, uma forma de ganhar a atenção da mídia para sua causa ou até mesmo de fazer propaganda de seu povo.

É intrigante como seres tão inocentes e recheados de incertezas e contradições podem alimentar tanto ódio e tanta convicção através de anos. Muitos adultos hoje já foram criança na Primeira Intifada e falam dela com tanto ardor e certeza que constatamos o mesmo sentimento em seus filhos.

Durante o horror retratado diariamente nos campos de refugiados, algumas entrevistas foram realizadas para saber dos colonos judeus – que vivem em assentamentos na Cisjordânia e na Faixa de Gaza – o que eles sentiam ao ver uma criança palestina morrer. As respostas são surpreendentes (HAARETZ, 2004):

“Nossas crianças são de Deus. As crianças deles são do Satã”.

“Os palestinos não são humanos... eles são animais”.

“Dessa forma, palestinos não podem nem ser considerados animais. Animais tomam conta da sua cria. Palestinos mandam seus filhos para matarem ou serem mortos”.

Em contrapartida, o depoimento de um judeu moderado mostra um outro ponto de vista para justificar o envio de crianças para a guerra:

“Palestinos são fatais. Eles são pobres e têm muitas crianças. Faltam-lhes democracia e educação de paz. Eles estão dispostos a enviar suas crianças para o motim e

desordem apenas para atrair a atenção internacional e pressionar o governo israelense. É triste que eles são mortos”.

A pobreza, ausência de condições simples para sobrevivência, falta reconhecimento internacional, desagradáveis condições que são submetidos devido à ocupação israelense, são motivos genéricos bastante citados para justificar as atitudes de crianças que tomam as causas de seus pais para si próprio, lutando nas Intifadas. É o lado emocional que conduz todo um discurso político, envolvendo seres sinônimos de esperança e inocência.

Quando a propaganda utiliza generalizações ou nomes que representam símbolos, ela está tentando provocar quem vai ouvir a mensagem com vívidas e emotivas palavras sugestivas. Em certas situações, a propaganda pretende acalmar o espectador para tornar uma desagradável realidade, mais saborosa. É bastante talentoso usar palavras que são brandas e cheias de eufemismo.

A palavra “criança” já é, por si só, uma palavra que comove em qualquer discurso político e ideológico. A utilização dessa significação para os combatentes da Nova Intifada, atrai muito mais a mídia internacional e os formadores de opinião para a questão abordada.

Por sua vez, a palavra “pedras” remete a uma idéia de fragilidade e ao mesmo tempo coragem por parte das que usam. Em determinado contexto, ela pode ter um sentido de “ataque” ou de “defesa”. Os jovens atacam com pedras. Ou os jovens respondem à ocupação com pedras. Cada um possui um sentido, positivo ou negativo, dependendo da maneira que a simples palavras é empregada.

Brincar com as palavras é bastante complexo, mas ao mesmo tempo bem efetivo quando feito da maneira certa.

Uma estratégia particular é usar histórias de atrocidade como uma maneira de provocar ódio. Diferentemente, o pacificador que argumenta que todas as guerras

são agressivas, defende que uma guerra é somente brutal quando praticado por um inimigo.

O inimigo é duvidoso dentro desse conflito árabe-israelense. Pode ser o terrorista, pode ser os poderosos, o governo israelense, as tropas, e até os combatentes civis palestinos. Depende de que lado está o pacificador da guerra.

É bastante evidente como o conflito é dividido em duas partes: o Bem e o Mal. Ocidente e Islã. Ou você está do lado israelense ou é defensor da causa palestina. Não é fácil achar, alguém que mantém uma posição moderada, apoiando um convívio mútuo entre os dois povos. As idéias são antagônicas, contudo a maneira de defendê-las só é feita com violência.

“Islã” e “Ocidente” simplesmente não são bandeiras a se seguir. Alguns correrão atrás dela, mas que as gerações futuras se condenem a uma guerra prolongada e ao sofrimento sem sequer uma pausa para reflexão crítica, sem olhar para a história interdependente de injustiça e opressão, sem ensaiar uma comum eliminação e emancipação, parece mais obstinação do que necessidade.

A demonização do outro é a base de qualquer espécie de política decente, quando a propaganda do terror se faz cada vez mais presente. É como se “coisas do mal” ameaçassem o pleno caminho pela paz e as vidas das pessoas na terra da antiga Palestina.

Parece ser estranho sugerir que os estudo da propaganda tem relevância para a política contemporânea. Depois de tudo, quando muitas pessoas pensam sobre propaganda, eles pensam sobre enormes campanhas como as que foram empreendidas por Hitler ou Stalin. Atualmente, nada comparado está sendo disseminado em na sociedade, devido a isso, muitos acreditam que propaganda não é um assunto muito profundo e extenso.

Contudo, propaganda pode ser flagrante como a suástica ou sutil como uma pedra. Estas técnicas persuasivas são regularmente aplicadas por políticos e jornalistas, entre outros. Uma mensagem de propaganda pode ser usada para alcançar

propósitos sociais, mas também pode ser usada para ganhar as eleições ou para vender um brinquedo.

A cada dia, há um bombardeio de mensagens persuasivas. Esse apelativo não é só de uma forma direta, mas também com a utilização de símbolos manipuladores que atingem a emoção humana. Constatamos a era da propaganda, onde cada alvo ou meta que se quer atingir utiliza técnicas propagandistas.

Desde o século XIX, os judeus são perseguidos pelo mundo. Sofrem duras penas para se manterem na sociedade, preservando seus mandamentos, crenças e costumes. Após a Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, o extermínio maciço de milhares de judeus, o mundo se mobilizou com o sofrimento e martírio passado por aquele povo e apoiou uma construção de um Estado sobre as leis do Torah (livro sagrado judaico). A figura de sofredor deu para os judeus muito espaço nas decisões políticas internacionais, todos aterrorizados com os horrores da guerra. Como forma de recompensa criou-se uma nação judaica. O que é bastante evidente a exploração contínua dessa imagem já que, a palavra “judeu” está associada ao Holocausto e à compaixão.

Contudo, a posição social está mudando um pouco com o “barulho” que os palestinos andam fazendo pelo mundo. Em algumas representações de mídias estudadas, o conflito é viável e pertinente diante das condições as que os palestinos são submetidos. O povo passa a ter uma imagem de lutadores corajosos por direitos que devem possuir como seres humanos. A participação de crianças é um ato de heroísmo, patriotismo e determinação do povo.

Contudo, ao propagar a idéia de jogar pedras como semblante do conflito, a máquina da propaganda pode utilizar-se disso para criar uma ambigüidade: uma idéia de agressividade e violência ou uma idéia de luta pela sobrevivência pela população civil desprovida de armas.

Nomes com sentidos pejorativos podem causar um tremendo poder no papel da história do mundo e no desenvolvimento individual. Eles têm arruinado reputações, comovido populações. O mundo, hoje em dia, vive o terror. Atentados terroristas

saíram da esfera Oriente Médio e estão acontecendo no mundo Ocidental. Dessa forma, o destaque aos atentados terroristas e por quem os exerceu têm atingido o contingente social do mundo inteiro como uma forma grosseira de violência inatingível.

O povo árabe possui essa “fama” de terroristas o que impede, profundamente, de enaltecerem sua história e seus motivos de luta. Não é de fácil compreensão para os olhos ocidentais essa forma de represália e de chamar a atenção. Muito menos com a participação de crianças.

A partir dessa idéia, surge um questionamento. Até que ponto a imagem da criança auxilia na defesa de uma causa? A própria palavra “criança.” sendo empregada, tão inocente e pura por si só, pode traduzir uma idéia de insanidade, terror e até medo.

A religião como condutora de muitas ações palestinas é bem evidente, principalmente, na idéia da morte. A satisfação como a palavra “morte” é ao mesmo tempo surpreendente, ao mesmo tempo apavorante. Lutar contra um inimigo que vê a morte uma glória torna-o muitas vezes invencível.

Técnicas de propaganda não tem limites. Elas podem ser encontradas em discursos de libertação de um lado e sermões religiosos de outro. Ao transformar mortos de uma causa em mártir, é uma maneira imparcial de conduzir os civis ao enfrentamento e encorajá-los a morrerem na luta.

Quando um propagandista previne sua população que um desastre irá acontecer se eles não seguirem algumas regras especificadas em seu discurso, ele está usando a propaganda do terror. Essa técnica é muito utilizada em discursos políticos israelenses como forma de conter a rebelião palestina e persuadir sua população a não sensibilização dessa luta. Em suas palavras, Ehud Barak e Ariel Sharon, utilizam formas de ameaça militar para conter a revolta da população civil palestina. Em paralelo, para a própria população israelense e ocidental, seu discurso é de defesa do mal causado pela violência árabe. O propósito óbvio é redirecionar a atenção do público fora dos méritos dos motivos particulares para os passos certos que devem ser tomados para diminuir o medo.

Há quatro elementos para o sucesso da propaganda do terror: 1) a ameaça; 2) uma recomendação específica de como o público deve agir; 3) a percepção do público que a recomendação é efetiva em conter a ameaça e 4) a percepção do público que ele é capaz de agir segundo as recomendações, (PROPAGANDA 2004).

Dependendo do público, o discurso israelense é efetivo. Para a platéia ocidental e os próprios judeus, o discurso é bastante plausível, colocando o medo nos atentados terroristas e na violência causada pelos árabes. Já o público sendo os palestinos, especificamente, é uma forma inútil de convencê-los a pararem de lutar. Eles podem ser considerados cegos, surdos e mudos. Nenhuma palavra os faz mudarem de idéia, nem um retratado de violência e morte os comove, eles são condutores de sua causa no grito do silêncio, na expressão dos seus rostos, nos seus atos de resistência.

A propaganda apela para o coração, não para o racional. A agitação emocional é uma das técnicas favoritas no discurso político porque qualquer emoção pode ser “esvaziada” em uma atividade, se influenciada por uma habilidosa manipulação.

“O propagandista compra uma sala, aluga uma estação de rádio, preenche um bom estádio, desfila um milhão ou, ao menos, muitos homens em uma passeata. Ele emprega símbolos, cores, música, movimento, todas as artes dramáticas. Ele leva as pessoas a escreverem cartas, mandares telegramas, contribuírem para sua causa. Ele apela para o desejo, comum de todos, para seguir a multidão. Porque ele quer a população seguindo a multidão em massa, ele direciona seu apelo para grupos comprometidos por causas comuns, causas de nacionalidade, religião, raça, sexo, vocação. Estas campanhas propagandistas a favor ou contra a um programa apelarão para todos como católicos, protestantes, ou como judeus, ou como muçulmanos, como fazendeiros ou professores; como donas de casa ou mineiros”. (PROPAGANDA, 2004).

Referências

BLANC, Luis Fernando Girón. **Israel, uma terra em conflito**. São Paulo: Paulinas, 2000.

GATTAZ, André. **A guerra da palestina**. São Paulo: Usina do Livro, 2002.

SAID, Edward. **Cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2003.

SAID, Edward. **Orientalismo**; o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

SAID, Edward. **The end of the peace process**. Nova York: Vintage Books, 2000.

SAID, Edward. **The question of palestine**. Nova York: Vintage Books, 1980.

SHEHADEH, Raja. **Da ocupação às acomodações provisórias**; Israel e os territórios palestinos. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VESTERGAARD, Shroder. **A linguagem da propaganda**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Filmes

GITAI, Amos. **Kedma**. Israel, 2002.

GOLDBERG, B.Z; SHAPIRO, Justine. **A promessa de um novo mundo**. EUA, 2001.

KHLEIFI, Michel; SILVAN, Eyal. **Rota 181 – fragmentos de uma jornada na palestina-israel**. Alemanha, Grã-Bretanha, Bélgica, França, 2003

LAFFONT, Frederic. **Mil e um dias**. França, 2003.

SEIDELMAN, Arthur. **Filos do ódio**. EUA, 2001.

Jornal do Brasil

Contagem regressiva em Israel. Rio de Janeiro. **Jornal do Brasil**, ano CX, n. 184, 09.10.2000. p. 15

Israel enfrenta protestos. Rio de Janeiro. **Jornal do Brasil**, ano CX, n. 177, 02.10.2000. p. 21

Luta entre Israel e palestinos se agrava. Rio de Janeiro. **Jornal do Brasil**, ano CX, n.178, 03.10.2000. p. 16

Morte heróica é estimulada. Rio de Janeiro. **Jornal do Brasil**, ano CX, n. 198, 27.10.2000. p. 15

NEXTO, Marcelo. O interminável ciclo do ódio. Rio de Janeiro. **Jornal do Brasil**, ano CX, n. 195, 22.10.2000. p.11

Rebelião palestina se alastra em Israel. Rio de Janeiro. **Jornal do Brasil**, ano CX, n.176, 01.10.2000. p.21

SADER, Emir. Povos livres e iguais ou guerra santa. Rio de Janeiro. **Jornal do Brasil**, ano CX, n. 188, 13.10. 2000. p.13

ZEVIGHIVELDER. A autofagia palestina. Rio de Janeiro. **Jornal do Brasil**, ano CX, n. 188, 13.10.2000. p.14

Jornal O Globo

A nova intifada. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24530, 02.10.2000. p. 33.

Atentado suicida fere soldado e assusta. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24555, 27.10.2000. p. 35.

CHAPMAN, Dan. Estado de guerra. **Jornal O Globo**, ano LXXVI, n. 24891, 28.09.2001. p. 12.

CURTIUS, Mary. Israel e palestinos rumo a uma guerra religiosa. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24558, 30.10.2000. p. 13.

EL-SHEIK, SHARM. Encontro à beira do fracasso. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24545, 17.10.2000. p. 31.

Em Jerusalém, um santuário longe da paz. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24536, 08.10.2000. p. 16.

FIGUEIREDO, Ariel. Fiquei chocado com a dimensão do ódio. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24550, 22.10.2000. p. 16.

FINGUERMAN, Ariel. Fronteiras explosivas. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24557, 29.10.2000. p. 17.

GREENBERG, Joel. Sharon lava as mãos. Rio de Janeiro. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24534, 06.10.2000. p. 27.

Israelenses e palestinos tentam nova trégua. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24533, 05.10.2000. p. 35.

Mais um dia de ira. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24556, 28.10.2000. p. 13

Morte em meio ao impasse. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24539, 11.10.2000. p. 15.

Nas ruas, batalhas entre adolescentes. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24536, 08.10.2000. p. 16.

Processo de paz ganha sobrevida. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24538, 10.10.2000. p. 30.

SONTAG, Deborah. Um conflito que volta às suas origens básicas. **Jornal O Globo**, anos LXXV, n. 24538, 10.10.2000. p. 31.

Trégua Fracassa em Israel. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24532, 04.10.2000. p. 35.

Um dia de derrota para a paz. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24541, 13.10.2000. p. 12.

Um dia negro para a paz. **Jornal O Globo**, ano LXXV, n. 24541, 13.10.2000. p. 12.

Websites:

AFOLHA. Disponível em www.afolhanet.com.br/materia.asp. Acesso em: 25.10.2004

ARABIC. Disponível em www.arabic.com. Acesso em: 05.09.2004

ARTIGO. Disponível em www.alaufok.net. Acesso em: 30.10.2004

CHILDHOOD. Disponível em www.intifada.com/childhood.html. Acesso em: 11.11.2004

DEPOIMENTO. Disponível em www.europarl.eu.html. Acesso em: 13.09.2004

HAARETZ. Disponível em www.haaretz.com. Acesso em: 01.09.2004

HISTORIA. Disponível em www.historianet.com.br. Acesso em: 11.11.2004

MEDIA. Disponível em www.jerusalem.indymedia.org. Acesso em: 15.11.2004

MONITOR. Disponível em www.phrmg.org. Acesso em: 06.11.2004

PALESTINA1. Disponível em www.palestina1.com.br. Acesso em: 25.10.2004

PROPAGANDA. Disponível em www.propagandacritic.com. Acesso em: 11.11.2004

Anexos

O Estado de Israel

Discurso sionista na Proclamação do Estado de Israel

Livro “A Guerra da Palestina” de André Gattaz (2002, p. 52)

O Estado de Israel estará aberto à imigração de judeus de todos os países onde estão dispersos, desenvolverá o país em benefício de todos os seus habitantes, fundar-se-á sobre os princípios de liberdade, justiça e paz, tal como ensinados pelos profetas de Israel, assegurará completa igualdade de direitos sociais e políticos a todos os seus cidadãos sem distinção de credo, raça ou sexo, garantirá plena liberdade de consciência, de culto, de educação e de cultura, salvaguardará a inviolabilidade dos Lugares Sagrados e dos Santuários de todas as religiões e respeitará os princípios da Carta das Nações Unidas.

É direito natural do povo judeu o de ser nação como as outras nações, e de controlar o seu destino em seu próprio Estado soberano.

Conseqüentemente, nós, membros do Conselho Nacional, representando o povo judeu na Terra de Israel e o movimento Sionista Mundial, reunidos hoje no dia da abolição do Mandato Britânico, em assembléia solene e em virtude dos direitos natural e histórico do povo judeu e da resolução das Nações Unidas, proclamamos a fundação de um Estado Judeu na Terra de Israel, o estado de Israel.

Ainda que enfrentamos uma agressão brutal, dirigimo-nos aos habitantes árabes do país no sentido de que, preservem os caminhos de paz e participem do desenvolvimento do estado em base a uma cidadania igual e completa e a uma justa representação em todas as instruções provisórias ou permanentes.

Nós estendemos a mão da amizade, da paz, e da boa vizinhança a todos os Estados que nos cercam e a seus povos, e os convidamos a cooperar com a nação judaica independentemente para o bem comum. O Estado de Israel está pronto a contribuir para o progresso do Oriente Médio.

Nós lançamos um apelo ao povo judeu disperso pelo mundo para que se junte a nós no esforço de imigração e construção e para que nos auxilie na grande luta que empreendemos com o fim de realizar o sonho de gerações e gerações: a redenção de Israel.

Depoimentos Infantis

Depoimento de crianças palestinas envolvidas no conflito Nova Intifada
(HISTORIA, 2004).

“Um dia ao ir para a escola, não havia nada acerca da guerra, nem sequer uma palavra. Mas, no dia seguinte, era a tremenda guerra contra os Palestinos. Era como se a terra se tivesse posto de pé e começasse a correr. De repente, começaram os tiros e as balas como a chuva num dia de sol de verão”. Sami, nove anos.

“Se pensam que eu vou dizer que estou com medo de morrer, enganam-se porque eu estou cheio de fé em Deus que nunca nos deixa. Estou certo de que muitas pessoas pensam como eu e isso lhes permite fazer coisas corajosas. Os Israelitas podem bombardear-nos como quiserem, podem matar-nos; a única coisa que não nos tirarão é a fé”. Issa, dez anos.

“A paz que procuramos deve vir primeiro dos nossos corações. Nós, os jovens, podem fazer a diferença e transformar o conflito atual numa reconciliação histórica pela compreensão das necessidades de cada um”. Haneen, dezesseis anos.

“A política israelita é aterrorizar o nosso povo e destruir a sua vontade. E, no entanto, isso reforça a nossa determinação de procurar a liberdade”. Saher, quinze anos.

“Não temos medo de Israel porque estamos no nosso direito. É a nossa terra, a terra dos nossos pais e dos nossos avós. Voltaremos para lá”. John, nove anos.

“Por que razão as nossas esperanças de um futuro melhor são destruídas? Por que razão o nascer do sol da Primavera desapareceu sob a neve do Inverno? Por que razão morrem crianças inocentes? Eu espero a resposta a estas perguntas e não o silêncio do mundo perante tais crimes”. Mera, dezessete anos.

“Eu sou uma palestiniana. Nós somos um povo que vive numa pequena região. Queremos viver em paz sem toques de recolher nem bloqueios e dormir horas suficientes e ter bons sonhos em vez de pesadelos. Poder brincar na nossa terra e aprender na escola”. Nour, doze anos.

Não posso brincar no meu pátio. Não posso sair para o lado de fora da porta da minha casa por causa do recolher obrigatório. Escondi os meus brinquedos porque tenho medo que os soldados israelitas me levem porque eu tenho espingardas de brinquedo e tanques de brinquedo. Nem sequer posso ir à loja comprar rebuçados por cauda do recolher obrigatório. Alayyan Zayed, nove anos.

O meu nome é: eu quero ir à escola acabar os meus estudos deste ano. Eu quero ser livre durante o verão, ir nadar e divertir-me. Quero que os soldados israelitas saiam do nosso país, acabem com a ocupação e deixem de usar aqueles grandes tanques de guerra. Nós não temos nada para os enfrentar. Eu não quero que eles ocupem as nossas casas nem que eles disparem obuses contra elas. Lema Zayed, onze anos.

The Mirror does not lie

Artigo do Jornal Ha'aretz escrito pela jornalista Amira Hass

(HAARETZ, 2004)

How perfectly natural that 40,000 persons should be subject to a total curfew for more than a month in the Old City of Hebron in order to protect the lives and well-being of 500 Jews. How perfectly natural that almost no Israeli mentions this fact or, for that matter, even knows about it. How perfectly natural that 34 schools attended by thousands of Palestinian children should be closed down for more than a month and their pupils imprisoned and suffocating day and night in their crowded homes, while the children of their neighbors - their Jewish neighbors, that is - are free to frolic as usual in the street among and with the Israeli soldiers stationed there. How perfectly natural that a Palestinian mother must beg and plead so that an Israeli soldier will allow her to sneak through the alleyways of the open-stall marketplace and obtain medication for her asthmatic children, or bread for her family. (Sometimes Israeli soldiers do have the guts to disobey orders, although, generally speaking, when encountering such situations, they order the woman to return to her home.)

How perfectly understandable that the Israel Defense Forces is seizing control of an ever-increasing number of rooftops atop the homes of Palestinians in the Old City of Hebron and that Israeli soldiers positioned on those rooftops from time to time open fire on other Palestinians, while, down below, at street level, the Jewish settlers are free to show over and over again - at the expense of the windshields, windows and tires of the parked cars of Palestinians - who's really the boss. How perfectly natural that a Muslim house of prayer like the Ibrahim mosque should be shut down and declared "off limits" to thousands of Muslim worshippers.

The ease with which a curfew has now been imposed on Hebron and the perception of that curfew as a completely natural occurrence are not the products of the past few weeks. (Incidentally, the residents of the village of Hawara, in whose vicinity and on whose lands the Jewish settlement of Yitzhar was built, have also been placed under curfew; their curfew was imposed more than three weeks ago.)

Both the entire story of the Israeli occupation of Palestinian land in general and the essence of the kind of Israeli thinking that has developed in the shadow of obvious military superiority. The curfew in Hebron and the ease with which it has been imposed only illustrate the entire story of discrimination and uprooting that the Palestinians have suffered at the hands of the Israelis - a never-ending story that unfolded as far back as the Oslo era and the period of the so-called "peace process."

Jews live in Hebron today either because of "ancestral rights" or because they can show proof of Jewish ownership of a given property in the not-too-distant past. It is so perfectly natural that Jews should be able to live wherever they want in the Land of Israel - on both sides of the Green Line. It is so perfectly natural that a Jew who was born in Tel Aviv should be able to move to Hebron or to Yitzhar. And it is so perfectly natural that Palestinians cannot enjoy that right and cannot move to Tel Aviv or to Haifa - even if their families own lands and houses there.

It is so perfectly natural that, to this very day, Israel is developing and expanding the Jewish community in Hebron, just as Israel is developing all the Jewish settlements in the territories. And it is so perfectly natural that, to this very day, the Palestinians must deal with various limitations imposed on any planned development for their own communities, because most of the lands on the West Bank - which is their primary land reserve - are under Israeli administrative control. No, the Palestinians do not need the kind of legroom that Israelis do.

It is so perfectly natural that Palestinians have to obtain a travel permit from the Israeli authorities (only a minority of the applicants are granted the permit) in order to enter East Jerusalem or the Gaza Strip, within the context of Israel's closure policy, which was launched in 1991 and which continues until this very day. On the other hand, Jews are free to travel from the West Bank to Israel and back, using well-built highways that have been constructed on lands that have been expropriated from Palestinian villages.

During the summers in Hebron, sometimes days, even weeks go by without running water in the faucets of Palestinian homes. On the other hand, the Jewish neighbors of Palestinian Hebronites - in the Old City of Hebron or in the nearby Jewish quarter of Kiryat Arba - experience no problems or shortages as far as their water supply is concerned.

The same situation prevails in many Palestinian communities throughout the West Bank: Whereas the Palestinians have no water, the residents of the Jewish settlements enjoy green lawns. The reason is that Israel has, in effect, imposed a quota on the water that the Palestinians are allowed to consume - that is, on the right to use water resources that are supposed to be jointly accessible for both Israelis and Palestinians in the single land they share.

This is a tale that must be recounted over and over again - almost to the point of exhaustion - because it depicts a situation that is so self-understood in the eyes of Israelis that they cannot even see that there is any problem whatsoever. How perfectly easy to regard the Palestinians as a violent and cruel people and to ignore the cruelty that has accumulated day after day for 33 long years and which has been directed during that long

period toward an entire community. This is the kind of cruelty that is characteristic of every occupation regime. This is a cruelty that intensified during the Oslo years because of the gap between the fine talk about a "peace process" and the reality.

The curfew in Hebron and the fact that this curfew is regarded as a completely natural phenomenon in the eyes of Israeli society reflects the twisted sort of thinking that developed in the minds of Israelis during the Oslo years. According to this warped thinking, the Palestinians would accept a situation of coexistence in which they were on an unequal footing vis-a-vis the Israelis and in which they were ranked as persons who were entitled to less, much less, than the Jews. However, in the end, the Palestinians were not willing to live with this arrangement.

The new Intifada, which displays the characteristics of both a popular uprising and a quasi-military one, is a final attempt to thrust a mirror in the face of Israelis and to tell them: "Take a good look at yourselves and See how racist you have become.

Hamas

Trecho da carta de constituição do grupo Hamas.

(HISTORIA, 2004)

“Em Nome de Alá, o Misericordioso, o Clemente!

Vós sois a melhor comunidade que já surgiu para a humanidade. Vós impondes a conduta correta e proibis a indecência; e vós credes em Alá.

E se o Povo da Escritura tivesse acreditado, teria sido melhor para eles. Alguns deles são crentes; mas a maioria deles são praticantes do mal. Eles não irão vos prejudicar salvo uma leve ferida, e se eles lutarem contra vocês eles terão de retroceder e fugir. E depois de tudo eles não serão socorridos. Ignomínia será sua porção onde quer que eles se achem salvos [onde eles se agarrem a] uma corda de Alá e a uma corda do homem. Eles incorreram no ódio do seu Senhor, e miséria será jogada sobre eles. Isso é assim porque eles se acostumaram ao descrédito nas revelações de Alá, e atacaram os Profetas erroneamente. Isso é assim porque eles eram rebeldes e se acostumaram a transgredir.

Israel irá crescer e permanecer ereto até que o Islã o elimine assim como ele tem eliminado seus predecessores.

Alá é seu objetivo, o Profeta seu modelo, o Alcorão, sua constituição, a Jihad seu caminho e a morte pela causa de Alá sua mais sublime crença.

O Julgamento de Salomão

(ARABIC, 2004)

Então vieram duas mulheres prostitutas ao rei e puseram-se perante ele. E disse-lhe uma das mulheres: “Ah, senhor meu, eu e esta mulher moramos numa mesma casa; eu tive um filho, morando com ela naquela casa. E sucedeu que, ao terceiro dia depois de meu parto, também esta mulher teve um filho. Estávamos juntas; estranho nenhum estava conosco na casa, senão nós duas naquela casa. E de noite morreu o filho desta mulher, porquanto se deitara sobre ele. E levantou-se à meia-noite e tirou meu filho de meu lado, dormindo, dormindo a tua serva, e o deitou no seu seio, e a seu filho morto deitou no meu seio. E, levantando-me pela manhã, para dar de mamar a meu filho, eis que estava morto; mas atentando pela manhã para ele, eis que não era o filho que eu havia tido”.

Então disse a outra mulher: "Não, mas o vivo é meu filho e teu filho o morto." Porém esta lhe disse: "Não, por certo; o morto é teu filho e meu filho o vivo." Assim falaram perante o rei.

Então disse o rei: "Esta diz: ‘Este que vive é meu filho, e teu o morto’; e esta outra diz: ‘Não, por certo; o morto é teu filho e meu o filho vivo’. Trazei-me uma espada”.

E trouxeram uma espada diante do rei. E disse o rei: "Dividi em duas partes o menino vivo, e dai metade a uma e metade a outra”.

Mas a mulher cujo filho era o vivo falou ao rei (porque as suas entranhas se lhe enterneceram por seu filho) e disse: "Ah, meu senhor, dai-lhe o menino vivo e por modo alguns mateis”.

Porém a outra dizia: "Nem teu, nem meu seja; dividi-o antes”.

Então respondeu o rei: "Dai a esta o menino vivo e de maneira nenhuma o mateis, porque esta é sua mãe”.

E todo o Israel ouviu a sentença que dera o rei e temeu ao rei; porque viram que havia nele a sabedoria de Deus, para fazer justiça.